O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 2 DE OUTUBRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:832

F' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Ultima homenagem. — Noticiario. — Os negocios do Congo.—Luzo.—A villa d'Agueda.—Carta de Lisboa.—Carta de Fozcoa. — Secção litteraria. — Parte official. — Folhetim: A dama das camelias.—Correio de Lisboa.—Movimento maritimo.

AVEIRO

ULTIMA HOMENAGEM

E' d'um collega nosso da capital o seguinte artigo, que tomamos a liberdade de adoptar:

Entrou hoje no Pantheon, para tomar logar ao lado dos seus maiores, o feretro do sr. Infante D. Augusto.

Sua Magestade a Rainha, com a grande coragem e nobilissimos sentimentos de que tantas vezes tem dado provas, veiu presidir á partida dos restos mortaes do seu augusto cunhado da capella das Necessidades para o jazigo dos reis de Portugal, e derramar ainda alli mais uma lagrima e offertar mais uma oração á memoria e á alma do finado principe.

Imponentissimo foi o prestito que acompanhou o irmão d'El-Rei á sua ultima morada. Suas altezas o principe D. Carloe e o sr. infante D. Affonso encorporaram-se no cortejo, tornando-se assim o élo de ligação entre o sentimento do povo e o sentimento dos seus soberanos.

Ao funebre cortejo associou-se tambem o publico de Lisboa que não podendo encorporar-se n'elle, formava respeitosas alas em todas as ruas da sua passagem. Todas as cabeças se descobriam ao passar o ataúde. Era o duplo signal de respeito á morte e de preito á memoria do finado. E era tambem a mais subida homenagem prestada á augusta familia do malogrado infante. Foi grande a manifestação, que Lisboa acaba de tazer, e maior ainda pelos elevados sentimentos que lhe prendiam. Essa manifestação, além de ser um lenitivo para a familia real, por que são sempre mais suaves as dores tão partilhadas, é uma honra para o povo que tão bem sabe amar e respeitar os seus monarchas, e uma aureola de gloria para encimar o feretro do principe que a morte nos roubou. Paz á sua alma e honra á sua bondosa e caritativa memoria.

*

O FUNERAL DO SR. INFANTE D. AUGUSTO

Pouco depois das 10 horas da manhã chegaram á real capella das Necessidades sua magestade a rainha, o principe D. Carlos, infante D. Affonso e o sr. duque de Orleans. Já alli estavam o ministerio, altas dignidades ecclesiasticas, corpo diplomatico, dignatarios e mais officiaes do paço, casas civis e militares d'el-rei e dos principes, altos funccionarios militares e civis e mais pessoas officiaes, e muitos particulares.

O largo e immediações estavam cheias de povo. A guarda de honra era feita pelo regimento de caçadores n.° 2. Depois das ultimas cerimonias religiosas alli celebradas, organisou-se o prestito que se pôz em marcha ás *onze horas e meia.*

*

O PRESTITO

O prestito ia organisado da seguinte fórma:

Abriado a marcha, um esquadrão de lanceiros.

Seguiam-se 134 trens em que iam o presidente do conselho e mais ministros, presidente e vereadore da camara municipal, governador civil e mais auctoridades, desembargadores da relação e juizes das diversas instancias, grandes do reino, pares e deputados, funccionarios publicos civis e militares, jornalistas, e muitos particulares.

3 porteiros da canna, tambem montados.

4 creados da casa real, montados.

Coche-berlinda com o porteiro e guarda-roupas da real camara.

Coche-berlinda com os ajudantes de campo do finado principe.

Coche-berlinda com os ajudantes de campo d'el-rei.

Coche com os officiaes-móres da casa real.

Coche com o capellão mór e sacerdotes.

Todos estes coches eram tirados a tres parelhas de muares e ladeados, cada um, por seis creados da casa real com brandões accesos.

Coche, tirado por tres parelhas de cavallos, com o mordomo-mór da casa real e o camarista do finado principe.

Coche, tirado por quatro parelhas de cavallos, com a corôa real, coberta de crepe e acompanhada por um official do paço. Este coche levava cocheiro e dois sotas e ia ladeado por 12 creados com brandões accesos.

Coche de respeito, armado em camarim, tirado por quatro parelhas de cavallos com gualdrapas pretas, guiado por um cocheiro e dois jockeis e ladeado por 12 creados com brandões accesos.

Coche funebre, conduzindo o feretro. Este coche ia a quatro parelhas de cavallos, todos cober os de gualdrapas pretas, guiado por um cocheiro e dois jockeis, e ladeado por 20 creados da casa real com brandões accesos. Armado em berlinda, com grandes pannos de velludo preto franjados de ouro, e cobertos de corôas, muitas e bem dispostas, produzia um effeito imponentissimo.

A cavallo, aos lados e seguindo o coche que conduzia o feretro, o estribeiro-mór da casa real, o commandante da guarda real e a casa militar d'el-rei e do finado infante.

A guarda real dos archeiros.

General da divisão e seu estado maior. Corporação dos bombeiros voluntarios da Ajuda.

Phylarmonicas da associação de soccorros mutuos e de S. Pedro de Cintra.

*

As coroas

Muitas e formosas as corôas que iam no carro funebre. Impossivel descrevel-as todas e, por isso, nos limitamos ás principaes.

Uma grande e rica corôa de rosas-chá, lilazes brancos, amores-perfeitos, folhagem de fetos; largas fitas de *moiré* branco franjadas d'ouro, com as seguintes dedicatorias, n'uma fita:—Ao meu bom e querido irmão. Prova da minha grande e inalteravel affeição que nem a morte quebrará. Na outra:—Ao meu bom e querido Augusto. Testemunho da nossa profunda affeição e reconhecimento pela leal e grande dedicação de que sempre nos deu constantes provas. D. Luiz e Maria Pia de Saboya—26 setembro 1889.

Grande corôa de dhalias, lilazes brancos, madresilvas e lyrios do valle, fitas, roxa e branca, franjadas a ouro:—Ao nosso querido tio. Testemunho de saudade e muito affecto. D. Carlos de Bragança e D. Amelia de Bragança—26 setembro 1889.

Linda e rica corôa de cravos brancos, coberta de crepe. Fitas brancas, tendo n'uma d'ellas duas saudades:—Ao meu bom e amado tio. Testemunho d'affecto e muita gratidão pela sua grande amizade e affeição por mim. D. Affonso Henriques.

De lilazes-lilá, rosas-chá, lyrios do valle, folhagem de fetos. Largas fitas de seda, roxa, franjadas a ouro.—Tributo de Saudade a meu querido irmão o infante D. Augusto. D. Antonia, princeza de Hohenzollern, infanta de Portugal—26 de setembro de 1889.

Outra de violetas, margaridas e flôres agrestes, fitas *moiré* branco:—A sua Alteza o serenissimo senhor infante D. Augusto—26 de setembro de 1889—Em testemunho de sincera amizade e gratidão. Condessa d'Edla.

Margaridas brancas, outras flôres e verdura. Fitas brancas:—A mon oncle affectueux. Duc d'Orleans, 26-9 89.

De violetas, fitas de seda roxa e preta:—Sua Alteza Real o Serenissimo infante D. Augusto. Associação de soccorros mutuos de S. Pedro de Cintra.

Outra de violetas, saudades e perpetuas com fitas de seda preta:—A saudosa memoria e eterna gratidão dos que em vida foram seus fieis servidores—26-9-89.

Outra de rosas-chá, saudades e violetas, com fitas pretas:—Gratidão—Antonio Hermann Roeder.

Outra de saudades e camelias:—Ao seu dedicado protector o serenissimo infante D. Augusto. O seu creado particular Caetano Manuel de Sousa.

De violetas e fitas brancas:—A' memoria de Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, dedica sua collaça e marido—26-9-89.

Outra de flôres em *biscuit*, rosas e lilazes, fitas azul e branco:—A Sua Alteza o Serenissimo Senhor infante D. Augusto, inspector geral da arma de cavallaria. Os officiaes do regimento n.° 2 de cavallaria do principe D. Carlos—26-9-89.

Bouquet de lilazes brancos e roxos em biscuit, largas fitas de setim:—A' memoria de sua alteza o serenissimo infante D. Augusto. Reconhecimento de E. Pexe—26 setembro 1889.

De malmequeres e flôres agrestes, fitas pretas franjadas a ouro:—Saudade e gratidão—D. Antonio Maria de Lencastre.

Corôa de rosas brancas e saudades, fitas brancas franjadas a ouro:—A' memoria de S. A. o Senhor infante D. Augusto. A inspecção de cavallaria. Hugo de Lacerda, Eduardo Callado, Castro Guedes, Fernando d'Albuquerque, Timotheo Alvim, J. Azevedo Canhão.

Outra de jasmins, madresilvas, rosas-chá e lilazes, fitas roxas franjadas de ouro:—A sua alteza o Senhor Infante D. Augusto. Testemunho de profunda saudade. Os seus ajudantes, João de Mello, Filippe Malaquias, Sebastião Telles, Antonio Costa, Alfredo Albuquerque, Xavier Machado e Bento da França.

De violetas e hera, fitas azul e branca:—A sua alteza o sr. infante D. Augusto. A Escola Academica.

Outra de violetas, glycineas, flôres do campo, fetos, fitas pretas:—A associação industrial portugueza. A' memoria do presidente do grande conselho dos presidentes da exposição industrial portugueza, de 1888—Sua alteza serenissima o sr. infante D. Augusto, duque de Coimbra, 26—9—89.

*

As tropas

A força da guarnição, estava toda formada antes das 10 horas da manhã.

O regimento de engenheria era que formava alas no largo das Necessidades, seguindo-se os outros regimentos de linha em alas pela calçada do Sacramento e Paraipulha.

Os regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4, formaram em columna na rua das Cavallariças, apoiando a direita no largo das Necessidades, e d'ahi se incorporaram no prestito logo que este se acabou de formar.

O esquadrão de lanceiros, que formava a guarda avançada, formou em face da Real Capella e d'ahi tomou a frente do prestito.

A' maneira que o prestito ia passando, encorporavam-se n'elle as tropas que estavam formando alas.

Logo que as tropas chegaram a S. Vicente, formaram em linha, apoiando a direita, occupada pela engenheria, no arco de S. Vicente e desenvolvendo-se da mesma forma que o tinham feito por occasião do funeral de El-Rei D. Fernando.

A artilheria tinha ás 10 horas da manhã occupado o Campo de Santa Clara, apoiando a direita no Hospital da Marinha. A força da guarnição apresentou-se muito bem. Em perfeita ordem, marchando optimamente e fazendo todas as evoluções com a maior prestreza e correcção.

*

As ruas do transito

Era enorme a quantidade de gente que se apinhava nas ruas do transito.

A distancia que medeia entre as Necessidades e S. Vicente de Fóra é enorme, pois apesar d'isso o prestito passou sempre pelo meio de alas compactas de povo que, em muitos pontos custavam a formar-se, tal era a multidão que se apinhava. E se nas ruas era enorme a multidão, as janellas de todas as casas das que estavam na linha do transito ou d'onde se podia ver, ainda que mal e a distancia, o desfilar do prestito, estavam litteralmente cheias de senhoras. O Aterro da Boa Vista, apesar da sua enorme vastidão estava completamente apinhado de povo. Ninguem alli se podia mecher.

No largo de S. Vicente de Fóra, era tão compacta a multidão, que a policia e cavallaria da municipal se viram em serias difficuldades para poderem abrir caminho para o prestito.

Milhares de pessoas houve que, levando apertão bravio em um ponto e vendo passar o prestito, *largavam* a correr para o irem ver de novo passar em outro ponto, e assim successivamente. Póde-se calcular em mais de 80:000 pessoas a multidão que estacionava nas ruas do transito.

*

S. Vicente de Fóra

O magnifico templo de S. Vicente de Fóra estava ricamente armado. O altar-mór tem um sumptuoso espaldar roxo e oiro e aos lados ricos pannos de velludo preto bordado a oiro. O resto da egreja estava todo armado a preto e oiro e com egual riqueza. A meio da capella-mór e sobre um estrado de tres degraus, erguia-se uma tarima, toda coberta de velludo preto com bordados e galões de oiro e prata e ladeado por seis tocheiros. A' direita do altar-mór está armado o solio para o sr. cardeal patriarcha; e á esquerda o logar para os sacerdotes officiantes. As cadeiras altas, nos extremos lateraes da capella-mór, são reservadas para o cabido. Com frente para a eça e do lado direito ha duas bancadas: a da frente para os duques, marquezes e condes; e a de traz para os officiaes-móres e mais dignitarios do paço. Em frente d'estas e do outro lado da eça, outras duas bancadas: a primeira para os ministros de estado effectivos e a segunda para os ministros honorarios. No cruzeiro armaram-se duas tribunas altas, comportando cada uma 40 cadeiras, sendo a da direita para o corpo diplomatico e representantes especiaes de monarchas estrangeiros; e a da esquerda para os pares e deputados. Em seguida á tribuna da direita tres compartimentos, sem estrado, com logares reservados para a academia das sciencias, sociedade de geographia e imprensa. Em seguida á tribuna da esquerda dois compartimentos, tambem sem estrado, para a associação commercial e outras pessoas officiaes.

Ao centro, e com face para a capella-mór, duas bancadas para os priores de freguezias e mais ecclesiasticos. A' direita d'estas, bancadas para pessoas da côrte e dos tribunaes; e á esquerda, bancada para os officiaes e officiaes-generaes do exercito e armada. No corpo da egreja, na divisoria do cruzeiro, duas bancadas para os sachristães com as cruzes. A todo o comprimento do corpo da egreja duas bancadas de cada lado para as associações, ficando de cada lado, entre essas bancadas e os altares, uma coxia para o publico. As senhoras tambem teem espaço reservado no alto do corpo da egreja até á capella do Santissimo. E' escusado dizer que todos esses espaços reservados são limitadissimos, bem como o destinado para o publico, por que o templo é muito pequeno para uma ceremonia a que concorre tanta gente. Ao centro do corpo da egreja e em todo o seu comprimento, reservou-se uma larga coxia para a passagem do prestito. N'esse coxia, e perto da porta está a primeira tarima, chamada da Misericordia. Na mesma coxia em frente da capella do Santissimo está a segunda tarima. Ambas ellas assentam sobre estrado de tres degraus, e são armadas em veludo e ouro.

Estas tarimas, bem como a eça principal, que está na capella-mór e onde o feretro vae ser depositado durante os officios, são nivelladas e não tem inclinação como a da camara ardente. Esta fórma que se lhe dá nas camaras ardentes, para se poder ver o corpo, não se póde dar no templo senão para bispos ou ecclesiasticos, por que estes ficam, durante os officios, com a cabeça para o lado do altar, ao passo que os seculares hão de ficar, segundo o ritual, com os pés para o altar-mór.

*

A eça da misericordia

A primeira eça armada no corpo do templo é chamada a eça da Misericordia, porque é a mesma collegiada que, recebendo o corpo do principe á porta da egreja, o vae collocar sobre aquelle descanço para alli lhe rezar as absolvições. Por esse facto e em virtude d'uma determinação de pragmatica, a eça em que descança o corpo durante esse officio fica sendo propriedade da misericordia.

A collegiada, feitas as rezas, retira-se e manda depois buscar a eça: tudo lhe fica pertencendo; taboado, armação e panno. E', porém, costume a Misericordia tomar conta só da madeira e da armação, por que em logar do panno recebe o seu valor em dinheiro. E' uma praxe extravagante, mas que se cumpre sempre á risca, e de que a Misericordia não desiste, para conservar intactos os seus antigos direitos.

*

No templo

A' 1 hora em ponto chegou o prestito a S. Vicente. Figuraram n'elle suas altezas os srs. D. Carlos e D. Affonso e todo o ministerio, exceptuando o sr. *ministro da guerra, enfermo.* A multidão no templo e á volta d'elle, era enorme. Como estava estabelecido, a irmandade da Misericordia aproximou-se do coche e apoderou-se do caixão e conduziu-o á primeira eça. A camara municipal e os funccionarios publicos transportaram-n'o d'alli á segunda eça, junto ao cruzeiro. D'alli á terceira eça foi acompanhado pelo ministerio. São perto das 2 horas quando principia a missa de pontifical, celebrada pelo sr. Deão da Sé.

Terminada a missa, o sr. cardeal patriarcha lançou as absolvições; depois do que foi o cadaver transportado ao respectivo jazigo. A artilheria collocada no largo de S. Vicente salvou n'este momento, e os corpos de infanteria, formados desde d'aquelle largo, pela rua do Arco, largo do hospital da marinha e rua do Paraizo deram as competentes descargas. Eram 3 horas.

Como já disse, o sr. Infante D. Augusto ficará junto e seus irmãos os infantes D. João e D. Fernando.

A's 3 horas e meia começou o desfilar das tropas a quarteis e a retirada dos membros do cortejo. Calcula-se em 80:000 pessoas a multidão que occupava as ruas do transito e as immediações da egreja de S. Vicente.

NOTICIARIO

Consorcio. — No sabbado ultimo e no templo da Senhora d'Apresentação, uniram-se pelos laços do matrimonio, a ex.ma sr.ª D. Hedvyges de Moraes e Costa, estremecida e gentil sobrinha do nosso velho, leal e respeitavel amigo, sr. José Ferreira Lucena, e o sr. José Soares da Cunha e Costa. Foram padrinhos a ex.ma sr.ª D. Maria Maxima de Moraes Machado, virtuosissima esposa do nosso presado amigo, sr. Manuel Authero Baptista Machado, e o sr. Anselmo de Moraes, nosso collega da *Actualidade*.

A noiva é uma senhora illustradissima, d'uma educação fina e d'uns sentimentos nobilissimos—filha predilecta do nosso velho e honrado amigo o sr. José Maria da Costa Azevedo.

O noivo um rapaz estudioso, um applicado treceiranista da Universidade de Coimbra. Desejamos-lhes as maiores venturas e a mais larga vida de felicidades.

Cavallaria 10.—Foi transferido para a 3.ª companhia d'este regimento o capitão de cavallaria 3, sr. Benedicto Candido de Souza Araujo, que nos dizem ser um official distincto.

Fallecimento.—Falleceu em Braga o sr. José Luciano Gomes da Costa, secretario da camara ecclesiastica do arcebispado e clerigo geralmente respeitado pelas suas inexcediveis virtudes. Do justo que acaba de finar-se fallaremos mais detidamente no proximo n.°.

Das praias.—Tem regressado a esta cidade algumas familias, que se achavam a banhos nas differentes praias, e outras sáem para lá.

Ponte da Gafanha.—Procede-se activamente aos reparos da base d'esta ponte, que se achava em lamentavel estado.

Feira do S. Miguel.—Effectuou-se no domingo n'esta cidade esta costumada feira, que consta de cebolas e alhos. Appareceu pouca, tanto da propria do concelho como da de fóra, e por isso cotou-se por preço alto, mas vendeu-se toda.

Commercio.—Nota-se bastante movimento na compra de cereaes, principalmente feijão, para ser exportado para varios mercados do paiz. Tambem tem sahido algum sal pelo caminho de ferro, e acham-se no porto alguns navios a carregar do mesmo genero.

Trabalho no mar.—Sempre rebelde aos esforços dos que n'elle empregam a sua actividade e os seus capitaes, continúa a negar-se á producção. Quando n'uma ou n'outra costa sae um lanço com sardinha, por pouca que seja, os pobres pescadores festejam isso já como um successo que não esperavam. Continúa por conseguinte mal esta ordem de serviços—tão mal como não ha exemplo. Hontem algumas companhas pescaram pouca sardinha, e tal é a falta, que se vendeu logo no mercado d'aqui, por 2$800 réis o milheiro, devendo notar-se, que não era da mais graúda que costuma pescar-se—era apenas regular.

Chronica das praias.—*Espinho, 29.*—Um grupo de senhoras distinctissimas, promoveu uma *kermesse*, cujo producto se destina a importantes reparos na capella de Santa Maria Maior. A ideia da *kermesse* obteve logo a mais enthusiastica acolhida por parte das elegantes banhistas, a que se associaram alguns cavalheiros de decidida boa vontade. Hontem de tarde inaugurou-se. Consta de uma grande barraca, onde estão vistosamente dispostas innumeras prendas e d'uma pequena tenda em que gentis senhoras vendem *bouquets*, flores e ramos para *bontonières*. Inaugurada a venda de prendas e sorteio ao fim da tarde, foi logo coroada do melhor exito a benemerita tentativa. Desde tudo quanto de distincto e elegante se encontra em Espinho, até aos mais humildes e de menores cabedaes, tudo concorreu a contribuir para que a *kermesse* obtivesse um verdadeiro *successo*. Não valeu pouco para isso—deve dizer-se—a gentileza e amabilidade das formosas senhoras que se encarregaram da venda das sortes e das prendas. Entre os diversos cavalheiros que maiores serviços prestaram, mencionamos apenas os srs. José Victorino Damasio, Joaquim de Sá Couto e Aragão Moraes. Hoje o resultado da *kermesse* deve ser importantissimo.

— Com a mudança do mez sahiram muitas familias, mas volta outra *camada* a dar animação a esta formosa praia.

— Na semana ultima houve aqui grande alvoroto, promovido por um conflicto que se deu no cemiterio da freguezia d'Anta, cujo parocho o celebre e affamado *Dom Abbade*, não queria deixar enterrar alli uma creança, pertencente a esta nova parochia, que ainda não tem cemiterio, e por isso alli se ia enterrar em sagrado. Afinal á vista da força, o *escamado* Abbade, e os seus freguezes, sempre consentiram no enterramento.

Consta que um abastado capitalista portuense projecta a construcção d'um theatro no local do Facho. E' melhoramento ha muito reclamado.

Os limites d'esta nova freguezia já estão definitivamente marcados, para os devidos effeitos.

*

Costa Nova do Prado, 30.—Esta pacata e formosa praia teve n'estes dias extraordinario movimento com a romaria da Senhora da Saude, de tão notoria popularidade e fama. Na vespera, em todo o dia, chegaram numerosos ranchos de romeiros, que alegres corriam a pé, ou vinham em barcos embandeirados, render culto á Virgem, que se venera na sua pobre capellinha de taboas! A' noite, no vasto arraial, houve vistosa illuminação, muito fogo d'artificio, e a conceituada philarmonica *Ilhavense* tocou o seu escolhido reportorio. No areal eram sem numero as danças e os descantes, e nos *palheiros* as nossas decantadas *tricanas* e as famigeradas *ilhas* cantaram e bailaram toda a noite com o enthusiasmo e o *salero*, que as distingue.

No dia, o arraial ainda foi mais concorrido e animado, a despeito do norte negro que se levantou e soprava com tal furia, que espatifou o palio da procissão!

O panorama da ria, cuja bacia, sulcada pelos innumeros barcos, apresenta um aspecto encantador, era delicioso, mas o vento fortissimo não deixava gosar inteiramente o seu effeito deslumbrante. N'essa noite continuaram animadissimas as danças populares.

Hoje, como é da praxe, foram todos os romeiros e muitos banhistas d'aqui para a Barra, onde se juntaram os *forasteiros* que veem d'Aveiro.

Novo sanitarium.—E' da *Correspondencia de Coimbra* a seguinte noticia:

«Algumas pessoas de influencia da importante villa da Louzã tratam de realisar na serra um *sanitarium*, á similhança do que se está preparando na da Estrella. Este pensamento, que muito honra a dedicação e iniciativa d'aquelles cavalheiros, não só pelo sentimento humanitario, mas pela futura importancia e engrandecimento da formosa villa da Louzã, merece, sem duvida, os applausos da imprensa e de todos que se interessam pelo bem da humanidade. A serra da Louzã tem todas as condições para um excellente hospicio de saude. São alli muito consideraveis as altitudes e puríssimos os ares e as aguas, circumstancias essenciaes para tão util empreza; accrescendo a indispensavel commodidade do caminho de ferro que dentro em poucos mezes deve passar n'aquella villa. Folgamos muito de dar esta noticia, que temos de pessoa competente, e que é para nós muito agradavel.»

O estado das vinhas no districto de Coimbra—Tratando do assumpto, um collega nosso d'alli, diz o seguinte:

«E' infelizmente um facto a quasi total destruição dos vinhedos n'este districto de Coimbra e em quasi todos os do paiz. Uma verdadeira calamidade para a agricultura e para os interesses economicos da nação. O unico meio de que os agricultores pódem lançar mão para atenuar esta grande falta nos seus interesses, é a nova plantação da cepa americana, que, como se sabe, resiste á phyloxera. Devem, pois, os vinicultores prevenir-se para novas plantações em quanto é tempo. Para isso devem dirigir-se, até o dia 15 do proximo mez d'outubro, ao chefe da 4.ª região agronomica, com séde n'esta cidade, para obter o numero de bacellos que lhes convier, conforme os annuncios publicados para este fim. Chamamos, pois, toda a attenção dos lavradores para este importante objecto.»

Com relação ao districto d'Aveiro *nós dizemos e aconselhamos o mesmo.*

A molestia atacou profundamente os nossos vinhedos; e o remedio será plantar aqui a cepa americana, que provou já a sua resistencia ao mal.

Commercio de vinhos—As adegas d'Amarante, estão repletas de vinhos, não havendo esperança alguma de os vender, visto que até agora ainda não appareceu um unico comprador. Segundo as noticias, os vinhos que em outros annos alcançavam preços de 18$000, 20$000 e 22$500 réis, não conseguem este anno preço superior a 9$000 réis, offerecido pelos taberneiros para a venda a copo. E são estes os unicos compradores que teem apparecido.

De Lamego, dizem o seguinte: N'estas ultimas semanas tem havido bastante animação no commercio de vinhos, realisando-se muitas compras nos magnificos vinhos dos nossos sitios, alguns dos quaes rivalisam com os melhores do Douro. Os claretes e de somenos força teem regulado entre 18 e 20 mil réis, preço que já ha muito não tinham, e os de maior corpo, aquelles que passam lá fóra como vinhos genuinos do Douro, que os temos assim quasi em volta de Lamego, regulam entre 28 e 30 mil réis. As adegas vão despejando para receberem a nova colheita, que é promettedora, e, segundo a opinião dos lavradores, deve ser de melhor qualidade que a anterior, que se procura agora e se compra por preços animadores. Uma coisa que ha de concorrer poderosamente para que os vinhos da nova colheita se vendam bem e depressa é a grande quantidade de uvas que se tem comprado para transportar, mercé da abolição do imposto sobre as uvas.

Nos concelhos de Celorico e Mondim de Basto tem sido extraordinaria a procura de vinho. Pouco existe já para vender. O preço da colheita proxima deve ser elevado.

Em Barcellos, o vinho tem tido muita procura n'estes ultimos dias, para consumo interno, havendo importantes encommendas para exportação. Os vinhos mais cobertos e mais pesados já se pagam entre 18$000 e 20$000 reis, e os mais delgados regulam entre 15$000 e 16$000 reis. A futura colheita é escacissima, promettendo menos do que se esperava na epoca do enxofre. Nas terras altas ha menos uvas, do que nas fundas. As vindimas só poderão começar na segunda semana d'outubro; sendo que as uvas mouriscas deverão de ser vindimadas primeiro, do que as outras castas, porque lanharam em grande parte com as ultimas chuvas.

Progresso notavel.—Eis uma nota interessante dos progressos da exportação do café e do cacau de S. Thomé e Principe: Ha vinte annos a provincia exportava 521:145 kilogrammas de cafe. No anno passado exportou 2.759:000 kilogrammas, ou mais do quintuplo da exportação de 1859. Ha vinte annos a exportação de cacau foi de 13:180 kilogrammas; em 1888, de 1.626:665 kilogrammas, ou quasi 124 vezes a exportação de ha vinte annos!

Noticias d'Elvas.—Em 30.—O nosso amigo sr. Eusebio Nunes comprou hontem, a propriedade do jornal d'esta praça *O Elvense*, que fica ao serviço do partido progressista, reconhecendo o nosso amigo sr. dr. Laranjo, como chefe politico n'aquelle districto. Este facto produziu sensação na cidade. Grande enthusiasmo.

Noticias d'Alijó.—Em 30.—Houve hontem uma reunião do partido progressista a convite do ex.mo sr. conselheiro Jeronymo Barbosa. Estiveram presentes mais de 300 influentes progressistas d'este concelho. O fim da reunião era organisarem-se os trabalhos eleitoraes. Presidiu o sr. conselheiro Barbosa e foi nomeada uma commissão executiva composta de quinze membros a que s. ex.ª ficou tambem presidindo. Nomearam-se commissões parochiaes para auctorisarem aquelles trabalhos. Pode dizer-se que só hontem se organisou definitivamente o partido progressista n'este concelho. Grande enthusiasmo. O sr. dr. Barbosa Cabral fallou brilhantemente.

Premio á fecundidade.—O ultimo paragrapho do artigo 3.° da lei franceza, de 17 de julho de 1889, determina que os chefes de familia, paes de sete filhos vivos, legitimos ou reconhecidos, não serão inscriptos no rol da contribuição pessoal e mobiliaria. Em França ha 232 mil familias de sete filhos, ou mais, sobre dez milhões de familias, total da população franceza. Será, pois, pelo menos, uma familia sobre cincoenta que deixará de pagar. E entretanto, o aggravamento do imposto, para cada uma das demais familias, não excederá talvez—em média—uns 2 centimos (e dos de 4 réis)! O phenomeno é de resto explicavel, sabendo-se que a miseria é prolifica, e que por conseguinte as familias mais numerosas são pobres, pagando portanto poucos impostos directos. Resta saber se esta especie de premio concedido á fecundidade será bastante a embargar a rapida diminuição da população franceza.

Despachos de correios e telegraphos.—Effectuaram-se os seguintes:

Domingos da Trindade, distribuidor supranumerario do concelho de Evora—provido no logar de terceiro distribuidor do mesmo concelho.

Joaquim Antonio Geraldo Junior—nomeado distribuidor supranumerario do concelho de Montemór o Novo.

José Constantino Jorge, pharoleiro auxiliar com exercicio no pharol de S. Julião da Barra—transferido, por conveniencia do serviço, para o pharol da Guia.

José Rodrigues, distribuidor supranumerario do Porto—provido no logar de segundo distribuidor da mesma cidade.

Victor Wenceslau Narchial Franco—nomeado alumno do curso pratico de correios e telegraphos.

José da Silva Machado—idem.

João Emilio dos Santos Segurado—idem.

Manuel de Carvalho—idem.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Os Exilados da Terra*, por André Laurie, grande romance illustrado, da Companhia N. Editora, fasciculo n.° 12.

— *Marrocos e Constantinopla*, de E. d'Amicis, fasciculo n.° 44, da C. N. Editora.

— Acabamos de receber um excellente jornal, verdadeira novidade em jornaes de modas para as familias, que nos offertou a *Parceria Mercantil Litteraria*, dos srs. Cunha e Silva & C.ª de Lisboa. A *Parceria Mercantil Litteraria* tem principalmente em vista representar na capital a maioria dos authores, livreiros e editores, *creando assim um deposito geral das suas obras*. D'esse deposito resultarão inevitavelmente vantagens não só para authores e editores como para o publico, certo de obter n'aquella casa, de um para outro momento, qualquer publicação não encontrada nas livrarias. Todas as publicações depositadas se annunciarão no catalogo da *Parceria Mercantil Litteraria*, que será *profusamente distribuido* em Portugal e Brazil. A *Parceria Mercantil Litteraria* fará em Lisboa, provincias e ilhas a *propaganda* de quaesquer obras e *principalmente* das que se publiquem em cadernetas ou fasciculos de pequeno preço, *obtendo assim um grande numero de assignaturas* e portanto um augmento de interesses para os editores. A *Parceria Mercantil Litteraria* fornecerá a todos os livreiros e aos seus já numerosos correspondentes, negociantes de livros, agentes de emprezas litterarias, etc., quaesquer obras editadas em Lisboa, ilhas e provincias de Portugal, *com o maximo desconto*, bem como mappas, gravuras, musicas, photographias, machinas e papeis de impressão e outros artigos que lhe sejam pedidos.

— *Cellecção completa das obras de Julio Diniz*. A Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, previne todos os seus estimaveis assignantes e o publico em geral, que realisou a compra do fundo existente das obras de Julio Diniz, as quaes tem á venda no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa. Os romances de Julio Diniz são excellentes modelos de naturalismo, intelligente e profunda observação; e, sem excluir a verdade em o mais insignificante pormenor ou no mais complexo da contextura, a obra d'aquelle inexcedivel escriptor apparece todavia depurada de realismos irritantes, em condições de poder ser lida e admirada sem offensa dos sentimentos de quem quer que seja e com intensa satisfação de todos; é uma perfeita obra de arte, prima entre as primeiras. Finalmente, romances como as *Pupillas do sr. Reitor*, *Familia Ingleza*, *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Morgadinha dos Cannaviaes*, e todas as outras producções que sahiram de tão apurada e elegante penna não necessitam ser encarecidas, pois todo o elogio é superfluo em face da notoriedade e justo renome de que ellas gosam desde que viram a luz da publicidade.

— *A Comedia Portugueza*; está publicado o n.º 51 d'este semanario com illustrações de Julião Machado e prosa de Marcellino Mesquita e Fialho de Almeida.

Summario:—Illustrações: Os gatos (1.ª pagina) dedicada a Fialho d'Almeida—Os que voltam de Paris (paginas do meio)—Ali Baba (pagina final).

Texto: Carta a S. M. sobre as vantagens de ser assassinado. O regicida de Caminha. De como o cultivo das bellas lettras não dá immunidade aos monarchas, para as ameixas dos conspiradores. Que lhe custa a V. M. apanhar um balasio? Offerece-se um regicida com pratica na provincia, por Fialho d'Almeida.—A declaração (como por Mendo)—Bibliographia e varios sueltos.

— *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna*, n.º 41, 1.º volume da *Sereia*, por Vast-Riconard, da C. N. Editora.

Edison em Bruxellas. — Edison, o celebre electricista americano, chegou a Bruxellas ás 7 horas da tarde de sexta-feira ultima, acompanhado de sua esposa e cunhada. O illustre sabio hospedou-se no hotel da Bella Vista. No seu trajecto de Berlim para Bruxellas, Edison deteve-se em Metz, e visitou as forjas d'Ars-sur-Moselle onde se diz que exposera um processo novo, invenção sua, para separar o ferro do minerio, por meio de electricidade. A's 10 horas da manhã do dia seguinte, partiu o prodigioso inventor para Londres, onde se hospedou em casa do sr. John Pender, director da companhia do cabo transatlantico.

Durante a sua curta estada em Londres, Edison foi *interviewé* por um redactor da *Indépendence Belge*. Perguntado o jornalista ao eminente sabio se a digressão d'este pela Europa lhe não suggeriria alguma nova invenção, Edison abanou a cabeça:

— Ser-me-hia impossivel inventar fóra do meu laboratorio, disse elle ingenuamente, do mesmo modo que me seria impossivel deixar de inventar quando alli estou. Percorri a França e a Allemanha, sem pensar, entregando-me completamente, com minha esposa e minha cunhada, á elegria de vêr.

— E que viu que mais o surprehendesse?

— Paris, que via pela primeira vez. Admiravel cidade de que a America não possue o *pendant!*... Tudo alli era novo para mim; a atmosphera, o movimento alegre, a lingua. A propria sonoridade da lingua franceza, este canto tão vivo e tão agradavel, era-me desconhecida. A torre Eiffel! certamente!... obra grandiosa. *But America will soon, must soon have one twice as high*. Teremos dentro em pouco uma, é necessario que tenhamos dentro em breve uma de seiscentos metros.

N'esta resposta de Edison revela-se esta fé de todo o americano, grande ou humilde, na superioridade da sua patria sobre o resto do mundo: Paris não tem o seu *pendant até* na America.

— Haverá motivos para affirmar que o estabelecimento d'um telephone subterraneo e submarino entre Paris e Londres será realisavel?

— Hum! fez Edison; a distancia submarina é demasiado longa. Comtudo, talvez de numerosas tentativas e do sacrificio de grandes capitaes...

— Eis uma cousa inquietadora. O poder da electricidade terá limites?

— Sim, responde Edison.

Então o cabo telephonico, que deve ligar New-York a Paris, o novo mundo ao antigo, parece-lhe impossivel, ao senhor que nunca aprendeu a duvidar de cousa alguma?

— Radicalmente impossivel. *Nunca* isso será realisado; pela electricidade pelo menos. Porém, não digo que se não descobrirá outro qualquer meio de communicação.

Esta contristadora resposta póde ser considerada como uma *sentença*, pois dimana de Edison.

O ouro.—O congresso internacional monetario, reunido ha pouco em Paris, deu lugar a publicações muito interessantes relativamente á producção de ouro e prata em todo o mundo. O director da casa da moeda dos Estados Unidos e o sr. Sœtbeer, de Gœttingen, colheram a tal respeito informações preciosissimas, que habilitam a discutir com perfeito conhecimento de causa o delicado problema do monometallismo ou do bimetallismo. A producção da prata vae crescendo de anno para anno em proporções muito sensiveis. De 1851 a 1855, os differentes paizes argentiferos davam apenas por anno ao consummo 886:000 kilos de prata. D'então para cá teem sido descobertas minas riquissimas nos Estados Unidos, nomeadamente no Colorado, Arizona, Utah, Nevada, Montana, Idaho e California, isto é, em todos os que se estendem pelas Montanhas-Rochosas. Assim, a producção dos Estados Unidos, que em 1855 se limitava a alguns milhares de kilos de prata, ascendeu em 1887 a 1.283:000 kilos. Mas não se limitou nos Estados Unidos o augmento da producção argentifera. No Mexico, subiu ella de 466:000 a mais de 900:000 kilos. O Peru, a Bolivia, o Chili, viram subir a sua producção de 220:000 a 500:000 kilos. A Allemanha, finalmente, augmentou tambem em consideraveis proporções a extracção de prata das minas do seu paiz ou do estrangeiro. Em summa, avalia-se hoje em mais de 3.400:000 kilos a producção annual da prata na superficie do globo, o que representa um augmento de 285 °/₀ relativameute á média de producção do quiennio de 1851-1855. Claro que do facto de tão rapidamente ser posta em circulação uma grande quantidade d'esse precioso metal, resultou a depreciação d'elle, depreciação que tem sido muito sensivel. Em Londres, onde a prata em 1851 valia 61 *pence* por onça *standard*, desceu agora esse valor a 42,5 *pence*. O mesmo tem succedido nos outros grandes mercados europeus, e em Paris não é inferior a 29 °/₀ a perda sobre o valor theorico d'aquelle metal. Que fazem os productores da prata perante uma depreciação tão notavel? Desenvolvem os trabalhos d'extracção para compensarem pela quantidade o decrescimo do volor do seu producto. Exactamente o mesmo que nos ultimos annos tinham feito os productores de cobre. Desejam elles, pois, que suba o valor da sua mercadoria; e como o consummo industrial da prata, nos paizes civilisados, não excede a 550:000 kilogrammas (exceptuando a India e a China), como na India e nos Estados-Unidos a amoedação da prata absorve apenas em média 1:600:000 kilogrammas por anno, querem vêr se tornam a cunhar moeda de prata os paizes europeus que ha já alguns annos suspenderam essa cunhagem. D'ahi, a viva campanha que elles encetaram em favor da theoria do bimetallismo. A producção do ouro, ao contrario da prata, tem diminuido ha trinta annos a esta parte. A descoberta das minas da California e da Australia elevou a cêrca de 200:000 kilos a producção annual de ouro no mundo inteiro. Mas os jazigos situados em terrenos d'alluvião esgotaram-se e foi preciso atacar as rochas, onde o ouro se encontra de mistura com uma ganga de quartzo; houve, portanto, mais difficuldades a vencer, e por isso não admira que a producção descesse em 1884 a 144:000 kilos. Todavia, a industria aurifera tem feito progressos sensiveis, e a exploração das minas da Siberia e da Africa do Sul fez subir a producção a 160:000 kilos. Taes são os resultados das minuciosas investigações dos estatisticos sobre a producção dos metaes preciosos. Como se vê, offerecem dados interessantissimos para esta occasião, em que a questão monetaria começa novamente a preoccupar muitas pessoas.

OS NEGOCIOS DO CONGO

Com este titulo escrevia Julio Laffotte, n'um dos ultimos numeros do *Voltaire* de Paris, o seguinte:

«Um dos nossos collaboradores publicou n'um dos ultimos dias noticias muito inquietadoras sobre o Congo. Em Bruxellas fallou-se n'ellas, mas pura e simplesmente para as desmentir, o que nos parece pouco. Um unico jornal belga, que chegou ao nosso conhecimento, apressou o alcance da narração e fez as seguintes perguntas:

«Temos milhões compromettidos n'este negocio, e muitos belgas teem deixado os ossos nas margens do grande rio africano. Os resultados obtidos até hoje estarão ameaçados? Teriamos despendido inutilmente todos esses milhões? O sangue belga, derramado no continente negro, tel-o-hia sido inutilmente?

«Comprehendemos esta anciedade, e desgraçadamente não a podemos acalmar.

«A verdade é que o negocio do estado livre do Congo é uma illusão e a empreza, organisada tão zelosamente pelo rei Leopoldo, não póde ter seguimento aproveitavel. Não tardará muito que os nossos visinhos vejam que utopia tomaram como realidade.

«O paiz não tem os recursos necessarios para crear uma grande corrente commercial: o clima é mortifero para os europeus, as communicações impossiveis e o estabelecimento de um caminho de ferro — unico modo de ligar efficazmente a colonia belga ao mar por Matadi—seria uma despeza enorme sem compensação apreciavel. O estado do Congo não tem meios de obter os braços necessarios de que a sociedade precisa, e vê-se obrigado a dirigir-se ao rei de Dahomey— isto é, a animar o trafico da escravatura. E' inegavel este facto.

Quanto á situação interna são conhecidos os processos de Stanley. Esse valente e aventuroso explorador deixa por toda a parte apoz si revolta e sangue. Tippo-Tib—contra o qual o estado do Congo não poderia empreender lucta sem grandes sacrificios de homens e de dinheiro—está a ponto de entrar em campanha, se lhe não derem satisfações prejudiciaes para o Estado. E o seu alliado Rachid já começou essas hostilidades. Que conclusões a tirar do conjunto de factos indiscutiveis?

«O que diziamos no principio: — que o negocio do Congo é um erro.

«E não é de certo para sermos desagradaveis aos nossos amigos belgas que dizemos isto, porque não duvidamos tambem declarar que o negocio do Congo francez não é melhor, nem tem melhor futuro.

«Os nossos estabelecimentos são tão precarios como os do estado belga, a habitação e as communicações egualmente impossiveis: O Ogoué tão pouco navegavel como o Congo. Busca-se agora lançar-nos no Niariquillou: não é mais sério que o Ogoué. Em poucos annos o marfim será raro no Congo e portanto extincto o seu commercio lucrativo; e, quanto ás grandes emprezas agricolas, nunca os capitaes ousarão applicar-se n'um paiz insalubre a trinta dias de marcha do mar. E ahi seria necessario um caminho de ferro, mas um caminho de ferro para alimentar alguns europeus seria exagerado.

«A vantagem que tem o Congo francez é que o intelligente e fino Brazza não despendeu senão pouco dinheiro, que soube attrahir os indigenas e que não quiz, como Stanley, ser conquistador. E isto não impede que algumas jornadas de Brazzaville se vejam obrigados a fazer fallar o mosquete.

«Falla-se por vezes dos nossos estabelecimentos, mas na realidade não existem, a menos que não consideremos estabelecimentos uma ou duas barracas para abrigar o residente francez.

«A posse da Africa central pelos europeus far-se-ha pelo lado oriental. Da abyssinia aos lagos ha uma immensa região aproveitavel para elles. E' a unica desejavel e é por essa que vêmos, inglezes, allemães e italianos prepararem-se para essa conquista.

«Pelo que respeita ao Congo, para os europeus, não passa por ora na realidade de uma simples expressão geographica.

«E o que dizemos applica-se tanto ao Congo francez, como ao belga, com a unica differença de que este custa muito mais caro do que aquelle.»

LUZO

E' do *Reporter* o seguinte:

Hotel Serra, 22.—A batalha do Bussaco, cuja religiosa commemoração se fez hoje aqui, em honra e gloria dos portuguezes que n'estas empinadas serranias deram a vida pela independencia da patria, é a primeira cousa em que os leitores naturalmente desejam que se lhes fale. E a melhor auctoridade que se póde consultar sobre este assumpto, é, sem a menor duvida, o *intrépido general* commandante do exercito alliado, lord Wellington, que aos 30 de setembro de 1810, isto é, no terceiro dia depois da acção, e ainda dominado pelas fortes impressões d'ella, escrevia de Coimbra a lord Liverpool um despacho, no qual, succinta, mas precisamente, menciona os topicos d'essa gloriosa façanha:—o campo de batalha—os movimentos de tropas que a precederam—a lucta dos dois exercitos—e o destino immediato que teve o resto das forças dizimadas na refrega. Trouxe commigo, para lêr com sincero conhecimento nos proprios logares, o volume V do *Correio Braziliense*, que publicou esse e outros despachos (menos bem traduzidos, diga-se a verdade), de onde vou extrahir os trechos que se referem áquelles pontos. Quanto ao primeiro—o campo de batalha:

«A serra do Bussaco, é uma cordilheira que se extende desde o Mondego na direcção do norte, obra de oito milhas. No ponto mais alto da cordilheira, cêrca de duas milhas do seu fim, está o convento e matta do Bussaco. A serra do Bussaco está unida por um tracto de terra montanhosa á serra do Caramulo, que se extende ao nordeste além de Vizeu, e separa o valle do Mondego do valle do Douro, á esquerda do Mondego. Quasi em uma linha com a serra do Bussaco, na outra cordilheira da mesma descripção, chamada a serra da Murcella, coberta pelo rio Alva, e connexa por outros trabalhos montanhosos com a serra da Estrella. Todas as estradas que se dirigem de leste para Coimbra passam por alguma d'estas serras; são muito difficeis para a passagem de um exercito, porque a approximação do cimo da cordilheira por ambos os lados é montanhosa».

Quanto ao segundo ponto—os movimentos de tropas que precederam a acção:

«Aos 21 a guarda avançada do inimigo se adeantou para Santa Comba Dão, na confluencia dos rios Criz e Dão, e o brigadeiro general Pack se retirou, atravessando o primeiro, e se uniu ao brigadeiro general Crawfurd em Mortagua, havendo destruido as pontes n'estes dois rios. A guarda avançada do inimigo atravessou o Criz, havendo concertado a ponte aos 23; e todo o 6.º corpo se juntou do outro lado do rio; e eu portanto retirei a cavallaria pela serra do Bussaco, á excepção de tres esquadrões, porque o terreno não era favoravel ás operações d'esta arma. Aos 25 passaram o rio os corpos 6.º e 2.º na visinhança de Santa Comba-Dão, e a divisão do brigadeiro general Crawfurd, e a brigada do brigadeiro general Pack, se retiraram para a posição que eu tinha fixado para o exercito no cimo da serra do Bussaco. Estas tropas foram seguidas n'este movimento pelo total dos corpos de Ney e Reguier (o 6.º e o 2.º), porém, foram contrariadas pelo brigadeiro general Crawfurd com grande regularidade, e as tropas tomaram a sua posição sem padecer perda notavel. O 4.º de caçadores portuguezes que se retirara de noite das outras tropas, e os piquetes da 3.ª divisão de infanteria, que estavam postados em Santo Antonio do Cantaro ás ordens do major Smith do 45.º, se atacara n com a avançada do corpo de Regnier, de tarde, e o primeiro mostrou aquella firmeza e galhardia que ao depois manifestaram as outras portuguezas.

Como todo o exercito do inimigo estava sobre a cordilheira do Mondego, e como era evidente que elle intentava forçar a nossa posição, o tenente general Hill atravessou o rio por um pequeno movimento para a esquerda na manhã de 26, deixando o coronel Le Cor com a sua brigada, sobre a serra da Murcella para cobrir a direita do exercito e o major general Fane, com a sua divisão de cavallaria portugueza e o 13.º de dragões ligeiros em frente do Alva para observar e ameaçar os movimentos da cavallaria do inimigo sobre o Mondego. A' excepção d'isto todo o resto do exercito estava junto na serra do Bussaco com a cavallaria ingleza em observação na planicie, na rectaguarda da esquerda, e caminho que vae de Mortagua para o Porto, pelas terras montanhosas que unem a serra do Bussaco com a serra do Caramulo. O 8.º corpo se uniu ao inimigo em nossa frente aos 26, porém, não fez ataque sério n'esse dia. As tropas ligeiras de ambas as partes se atacaram por toda a linha.»

Terceiro ponto—a lucta dos dois exercitos:

«A's 6 da manhã, no dia 27, o inimigo fez dois ataques desesperados sobre a nossa posição, um na direita, outro na esquerda do mais alto ponto da serra. O ataque sobre a direita foi feito por duas divisões do segundo corpo, por aquella parte da serra que occupava a terceira divisão de infanteria. Uma divisão de infanteria franceza chegou ao cimo da cordilheira, e foi então atacada com a maior galhardia pelo regimento 8.º, commandado pelo tenente-coronel Wallace, e regimento 45.º, commandado pelo tenente-coronel Meade, e pelo 8.º regimento portuguez commandado pelo tenente-coronel Douglas, dirigido pelo major-general Picton. Estes tres corpos avançaram á bayoneta callada e expulsaram o inimigo do vantajoso terreno que tinha obtido. A outra divisão do segundo corpo atacou mais além pela direita na estrada que vae de Santo Antonio do Cantaro, tambem na frente da divisão do major-general Picton. Esta divisão foi repulsada antes que podesse chegar ao cimo da cordilheira pelo regimento 74.º, commandado pelo tenente-coronel French, e pela brigada de infanteria portugueza, commandada pelo coronel Champelmond, dirigindo o coronel Mac-Kinnon. O major-general Leith tambem se moveu para a sua esquerda, para sustentar o major-general Picton e ajudou a derrotar o inimigo n'este posto, pelo terceiro batalhão dos Royales, o 1.º e 2.º batalhões do regimento 38.º

«Nunca testemunhei mais galhardo ataque do que o fizeram os regimentos 38.º, 45.º e 8. portuguez sobre a divisa do inimigo que alcançou a cordilheira da serra. Sobre a esquerda atacou o inimigo com tres divisões de infanteria do 6.º corpo d'aquella parte da serra occupada pela divisão da esquerda, commandada pelo brigadeiro-general Crawfurd, e pela brigada de infanteria portugueza, commandada pelo brigadeiro-general Pack. Uma divisão de infanteria sómente fez alguns progressos para o cimo do monte, mas foi immediatamente carregada com a bayoneta pelo brigadeiro-general Crawfurd, com o 48.º, 52.º e 95.º regimentos e o 3.º de caçadores portuguezes, e repellida para baixo com immensa perda. A brigada de infanteria portugueza do brigadeiro Coleman, que estava de reserva, se moveu para deante, para sustentar a direita da divisão do brigadeiro-general Crawfurd, e um batalhão do 19.º regimento portuguez, commandado pelo tenente-coronel Maclean fez uma galharda e bem succedida carga sobre um corpo e outra divisão do inimigo que se esforçava por penetrar n'aquella parte. Além d'estes ataques as tropas ligeiras dos dois exercitos pelejaram por todo o dia 27; e o 4.º de caçadores portuguezes, e os regimentos 1.º e 16.º dirigidos pelo brigadeiro-general Pack, e commandados pelo tenente-coronel Rego Bonito, tenente-coronel Hill e major Armstrong, mostraram grande firmeza e bravura. A perda soffrida pelo inimigo n'este ataque de 27 foi enorme—deixou mortos sobre o campo de balha dois mil homens, e ouço dos prisioneiros e desortores que a perda e n feridos é immensa.»

Ultimo ponto—destino immediato que teve o resto das forças dizimadas na refrega:

«O inimigo não renovou o seu ataque, excepto pelo fogo sobre as tropas ligeiras aos 28, porém, moveu um grande corpo de infanteria e cavallaria, em marcha sobre a estrada que vae de Mortagua para as montanhas que correm na direcção do Porto. Julgando provavel que trabalhasse por envolver a nossa esquerda, por este caminho, havia ordenado ao coronel Trant que marchasse com a sua divisão de milicias para o Sardão com a intenção de que elle occupasse estas mantanhas; porém, infelizmente, elle tinha sido mandado pela via do Porto pelo official general, que commanda no norte; em consequencia de um pequeno destacamento do inimigo haver tomado posse de S. Pedro do Sul; e, não obstante os esforços que elle fez para chegar a tempo, não alcançou o Sardão, senão aos 28 pela noite, depois do inimigo estar de posse do terreno. Como era provavel que no decurso da noite de 28 o inimigo trouxesse todo o seu exercito sobre esta estrada, pela qual evitaria a serra do Bussaco, e chegaria a Coimbra pela estrada real do Porto, e assim ficaria o exercito exposto a ser cortado d'aquella cidade, ou a entrar em uma acção geral sobre terreno menos favoravel; e como eu tinha reforços na minha rectaguarda inclinei-me a retirar-me da serra do Bussaco. O inimigo partiu das montanhas ás onze da noite de 28, e fez a marcha que se esperava. A sua guarda avançada estava hontem em Avelans na estrada do Porto para Coimbra; e se viu todo o exercito em marcha pelas montanhas: o que eu commando, porém, estava já na baixa, entre a serra do Bussaco, e o mar; e todo elle, á excepção da guarda avançada, está hoje na esquerda do Mondego. Ainda que pela infeliz circumstancia da demora do coronel Trant; em chegar ao Sardão, receio que não possa alcançar o fim que tinha em vista, quando passei o Mondego, e occupei a serra do Bussaco, não sinto o haver sido feito. Este movimento offereceu-me uma favoravel occasião de mostrar ao inimigo a descripção das tropas de que este exercito se compõe, e trouxe as recrutas portuguezas a uma acção com o inimigo, pela primeira vez, em uma situação vantajosa, e ellas mostraram que não tem sido perdido o trabalho que com ellas se tem tido: e que são dignas de combater nos mesmos renques com as tropas britannicas n'esta interessante causa, que ellas dão as melhores esperanças de salvar.»

A capella do encarnadouro, situada fora da matta e a pequena distancia da Porta da Rainha, tem a invocação de Nossa Senhora da Victoria e Almas. Foi construida no mesmo local em que havia outra, que ficou memoravel por ter servido de hospital de sangue no dia da batalha.

Simples e elegante, cobrem-lhe as paredes algumas finas gravuras inglezas, allusivas aos factos mais notaveis da invasão franceza e da guerra da restauração. Quando lá fui hontem, estavam a levar o pavimento, coberto de xadrez de marmore preto e côr de rosa, e não me foi permittido ir além de ponto a que tinha chegado a lavagem. Por isso apenas daria conta do assumpto das duas gravuras que pude examinar:—o embarque do general Junot em setembro de 1808, e um recontro em Grijó em 1810. Um immenso mappa colorido, feito ha pouco tempo, com moldura e vidro, representa a batalha do Bussaco. E' visivel o bom gosto que determinou a collocação d'estes quadros. Ao lado da capella elevaram um coreto para uma banda de musica que acompanhou a procissão. Forças de infanteria 23 e de artilheria 4 chegaram aqui a noite passada e hoje pela manhã. Na explanada do monumento, concluido em 1873, onde ha tres peças montadas, deram-se as salvas do estylo.

Não assistiu á festividade o sr. bispo de Coimbra, ao contrario do que é costume, por ter promettido honrar com a sua presença outra festa na Carregosa, proximo de Oliveira de Azemeis, terra da sua naturalidade, e não se ter prevenido a circumstancia da transferencia para hoje da festa que devia verificar-se no dia 27 anniversario da batalha.

Desde madrugada, viam-se os caminhos cheios de povo, e toda a qualidade de vihiculos com gente para a capella. Ha tantas pessoas nos hoteis que não cabem ao mesmo tempo á meza, sendo por isso necessario servir as refeições por tres vezes successivas.

Estou no *Hotel Serra*, que dizem ser o melhor. Situado a meia encosta, é soberbo o panorama que se gosa de algumas das suas janellas, pelas quaes entra ar puro e fresco, que é uma delicia aspirar. Da estação do caminho de ferro até lá sobe-se por uma extensa e ingreme ladeira, quasi toda em voltas. Finalmente, para chegar á porta do hotel, passa-se pela *Rua sem nome* e pela *Rua do volta atraz*, o que parece um epigramma aos hospedes! Com effeito, acóde logo ao pensamento que elles serão apenas uns sujeitos obscuros *(sem nome)* e alguns *vencidos da vida* que, tendo avançado o mais que lhes permittia o esforço humano, viram-se por fim na necessidade de... *volta atraz!*

Alberto Telles.

A VILLA D'AGUEDA

Introducção—Fundação e antiguidade—Historia moderna—Notas—Freguezias.

O concelho d'esta denominação é de recente data; a villa capital, de que tomou o nome, é porém antiquissima.

Suppõe-se que a sua primeira denominação foi *Anegia* e depois *Agatha*, com o qual nome se fallou no concilio de Toledo, no anno 609.

O actual nominativo *Agueda* vem, pois, de *Agatha*, nome proprio de mulher romana, ou de uma pedra assim chamada. Comtudo, diz tambem Plinio no *Itenerario*, que o nome de Agueda deriva do seu rio, a quem os romanos chamaram *Eminio* ou *Aeminium*.

Está situada na margem do rio, conhecido pela mesma denominação; assenta em amphitheatro sobre tres pequenos outeiros e cercam-na por todos os lados extensas campinas, que constituem por assim dizer um formoso e variado oceano de verdura; dista da capital do districto, Aveiro, 22 kilometros. A área, que compõe hoje este concelho, creado por decreto de 6 de novembro de 1836, dividia-se outr-ora em diversos municipios: Aguada de Cima, Aguieira, Assequins, Barrô, Brunhido, Casal d'Alvaro, Castanheira do Vouga, Ois da Ribeira, Recardães, Prestimo, Segadães, Serém e Trofa, concelhos microscopicos, que com o andar dos tempos foram annexados uns aos outros, sendo a ultima annexação decretada em 31 de dezembro de 1853.

Fundação e antiguidade

Attribuem alguns auctores a fundação da villa aos celtas, turdulos (1) e gregos 370 annos antes de Jesus Christo, os quaes logo alli fizeram uma ponte.

Na época do imperador Augusto, *Aeminium*, era classificada *cidade* (2), e maritima por demorar nas margens do rio, assim como Vanga, Feira e outras, e os habitantes consta terem figurado nas hecatombes e jogos de gladiadores, realisados por occasião da morte d'aquelle imperador.

No *Mappa breve da Luzitania* affirma o padre Francisco N. da Silveira que *Aeminium* foi tomada e destruida 137 annos antes de Jesus Christo. Pelo consul Decio Junio Bruto, abrindo-se em seguida um largo interregno nas referencias historicas, o que faz suppôr que ficou reduzida a um montão de ruinas, como outras muitas cidades e villas em que o conquistador punia com a destruição a resistencia desesperada. 462 annos depois, isto é, 325 da era christã, era já outra vez consideravel, pois que foi elevada a cabeça de bispado, no concilio de Nicêa. Diz-se que o seu primeiro bispo foi Elarzo, e que tomou parte no concilio bracarense, mas não é acceitavel tal versão, porque este concilio teve logar no anno 412, sendo o bispado supprimido em 569, no concilio de Lugo, pelo rei godo Theodomiro; comtudo, vinte annos depois, no terceiro concilio de Toledo, apparece ainda Possidonio, bispo de *Eminiuw*, o que parece que, só depois da morte d'este, chegou a ser effectuada esta suppressão.

Segundo alguns auctores, foi S. Pedro de Rates, bispo de Braga, quem lhe nomeou o primeiro bispo, no anno 44. O que parece mais acceitavel é que o seu primeiro bispo fosse Possidonio, no anno 689, isto é, no tempo em que reinava na Luzitania o godo Flavio Ricaredo, irmão do martyr Santo Hermenegildo.

Affirma ainda um auctor, que no anno de Jesus Christo, 40 ou 41, veio a Luzitania o apostolo S. Thiago e pozera por bispo de Braga a S. Pedro de Rates, e que este fizera bispos no Porto, *Eminio* e Tuy; que no concilio bracarense, 412, se vê assignado *Pantonio* bispo de *Eminio*, que veio pois a ser o terceiro bispo do *Eminio*.

O certo é que o primeiro bispo de que ha noticia em Agueda é Elarzo que em 412 dizem ter assistido ao concilio bracarense.

Alboacem-Hiben-Allamar que foi regulo de Coimbra, elevou a conde de Agueda um christão que governava a povoação; custou-lhe a mercê um tributo. O conde d'Agueda, D. Arias e sua mulher D. Aldara ou Ilduara, foram os paes de S. Rozendo e progenitores da muito antiga familia dos Sousas. S. Rozendo foi canonisado em 1195. Tem havido constestação sobre ser ou não ser a *Aeminium* dos romanos a moderna Agueda, porém a versão mais auctorisada e seguida é a que assim o affirma, como se prova no brazão d'armas adoptado no municipio aguedense, que consiste no escudo das armas nacionaes, tendo infra o distico: *Romanis Aeminium*.

A duvida, pois, só deve subsistir simplesmente sobre a posição occupada pela villa, que póde não ter sido aquella em que hoje se acha, o que parece confirmar-se, por não coincidir a distancia assignada nos documentos antigos entre *Aeminium* e as cidades proximas, e a que hoje se conhece; e porque, segundo o *Itenerario* de Antonino, a cidade romana deveria demorar na margem esquerda do rio Agueda e não na direita, onde actualmente existe. Consta tambem de diversos documentos antigos a existencia de uma cidade denominada Agada, em identica situação corographica, e é de suppôr que d'estas duas se formasse a actual Agueda, corrompendo-se aquelle nome, que absorveu o antigo. Em 716 achava-se Agueda quasi arrazada pelos arabes, até que D. Affonso, rei de Oviedo, e seu irmão D. Frucio, a resgataram em 739.

(1) Antigo povo de Hespanha, na Betica, entre os Oretanos a sul e os Turdetanos a nordeste.

Os Turdulos occuparam o territorio onde se encontra hoje Sevilha e Cordova.

As suas principaes cidades eram Illiturgis, Cordoba e Astapa.

(2) Dava-se o nome de cidade no tempo dos romanos a villas de limitada população, porque o vocabulo não significava o que hoje significa, derivando apenas das franquias que o logar usofruia.

Historia moderna

A historia moderna d'este concelho divide-se na dos que hoje o constituem; d'esses os mais notaveis, foram: Recardães, Serem, Trofa, Castanheira do Vouga e Vouga; os demais são de antiga data, pois todos tiveram foral de D. Manuel, em 3 de agosto de 1515. Castanheira do Vouga foi notavel por ter alli passado *os melhores annos da sua vida* o nosso immortal Castilho, que se refere a esta parochia com singular enthusiasmo e ali produziu as suas mais notaveis composições. Serém é uma pequenissima villa, visinha do Vouga, notavel por ser ahi que o celebre Estevão Gonçalves, que foi abbade da parochia, deu começo e realisou a maior parte do seu celebre *Missal*, o mais esplendido monumento de arte, que possuimos. Recardães é de remota origem; talvez fundada pelos mosarabes, isto é, senhores christãos, que se submetteram ao dominio musulmano; foi doada por D. Affonso Henriques aos Templarios e passou a ordem de Christo quando D. Diniz a creou com as reliquias dos Templarios, abolida por Bonifacio IV a instancias de Philippe Augusto, de França. Em Recardães existe ainda uma torre cuja construcção é attribuida aos templarios, no reinado de D. Sancho I.

O notavel estadista José da Silva Carvalho exerceu ali o cargo de juiz de fóra, quando o general Massana invadiu o territorio portuguez, prestando ahi relevantes serviços. Trofa foi povoação fronteira no tempo da dominação mauritana. Um dos senhorios notaveis da villa foi Duarte de Lemos, de quem D. Antonio, prior do Crato, disse que fôra um dos que sempre o acompanharam em Portugal, ainda depois da sorte da armas lhe ser adversa; e é certo que foi este um dos portuguezes que mais tenazmente defenderam o unico candidato nacional á corôa ambicionada por Filippe de Castella, pelo que foi preso, recuperando a liberdade por uma das amnistas decretadas só depois da completa occupação do reino pelo usurpador. Não filho, mas um dos cidadãos notaveis de Recardães foi Rodrigo Tudella, coronel do regimento de milicias de Tondello, que se distinguiu no ataque ás posições do Alto da Bandeira, nas linhas do Porto, onde foi ferido e havido por morto.

Vouga está situada no logar onde outr'ora esteve Vacca, cidade romana.

Pertencia a este concelho, e hoje ao de Agueda, a famosa ponte de Marnel, onde as tropas liberaes se bateram denodadamente, no dia 26 de junho de 1828, sendo afinal vencidas pelas forças realistas, o que extinguiu o movimento constitucional n'aquella epoca. O Marnel tambem foi occupado pelas tropas do general Povoas, quando D. Pedro realisou o seu desembarque no Mindello, entrando em seguida no Porto; e para alli retiraram quando o tenente-coronel Schwalbach atacou Villa Nova de Gaya. Em 1846, rendeu-se aos habitantes d'Agueda e Vouga, na ponte de Marnel o batalhão de caçadores 8, que pretendia conservar-se fiel ao governo, e sahiu de Coimbra quando esta cidade se pronunciara a favor da Junta do Porto.

Até 1834 teve Agueda juiz ordinario, que era da universidade de Coimbra. A egreja parochial é de construcção antiga, mas regular. A este da parochia está um cruzeiro muito antigo, chamado dos *mortos*, com uma inscripção já illegivel. Mais adiante ha outro mais moderno, chamado do *Calcario*; é de boa construcção. Tem Misericordia e hospital, cuja instituição se deve aos duques de Aveiro.

Depois de constituido o concelho de Agueda, a sua historia limita-se á referencia dos serviços que lhe teem prestado as suas vereações, a que presidiram os seguintes cidadãos: Visconde da Borralha (Francisco Caldeira Pinto de Albuquerque), João José Pereira Guimarães, Antonio Nogueira, João de Souza Ribeiro, José Ribeiro de Macedo da Camara e Motta, Rodrigo de Souza Tudella de Castilha, José Bruno de Cabedo e Lencastre, João Ribeiro da Rosa e Magalhães, José Ribeiro de Sousa de Figueiredo, José Henriques Ferreira, Gonçalo Caldeira Cid Leitão Pinto de Albuquerque) conde da Borralha) José Bruno de Cabedo Henriques de Almada e Lencastre, José Correia de Miranda, Fernando Affonso Giraldes Caldeira, Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco (visconde d'Aguieira), Joaquim José Ferreira Baptista, João Camossa Nunes Saldanha e Albano de Mello Ribeiro Pinto.

Estas vereações emprehenderam e realisaram melhoramentos importantes, construindo ou reparando pontes e fontes, abrindo ruas e estradas, dotando as freguezias com escolas cemiterios, etc., distinguindo-se a do anno de 1840, que decretou a construcção do cemiterio, na cabeça do concelho, e

a dos annos de 1860 e 1863, que emprehenderam e concluiram a construcção do magnifico edificio dos paços do concelho. Em frente da villa, ao sul, fica a povoação do Sardão, que no arabe quer dizer lagarto, a qual communica com ella por uma ponte de pedra.

Em 1880 ultimou-se, pelas obras publicas, a ponte que liga as duas povoações, que formam a villa.

Em 18 de maio de 1852 foi o concelho visitado pela rainha D. Maria II, em companhia do rei artista e dos principes D. Pedro e D. Luiz, hospedando-se no magnifico solar dos condes da Borralha, onde a camara os foi cumprimentar, constando das actas d'esta corporação haver sua magestade a rainha proferindo uma allocução, geralmente classificada de apocrypha e attribuida ao sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, que n'essa occasião acompanhava os regios visitantes.

FREGUEZIAS

Formam actualmente o concelho d'Agueda as seguintes freguezias: Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Agadão, Barrô, Bellazaima, Castanheira Espinhel, Lamas, Macieira, Macinhata, Ois da Ribeira, Prestimo, Recardães, Segadães, Travassô, Trofa e Vallongo.

Macinhata é antiquissima e foi tão importante que teve outr'ora regulo mouro, conforme a historia refere, quando se occupa da viagem de D. Ramiro I ao sitio de Lorvão.

Varões illustres, nascidos em Macinhata, recorda-nos o dr. Manuel Pereira da Graça, filho de um carpinteiro; era tão talentoso que D. João VI mandou que o capello lhe fosse concedido de graça, conferindo-lhe ao mesmo tempo o habito de Christo.

CARTA DE LISBOA

30 DE SETEMBRO DE 1889.

Começam este anno a funccionar no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa as aulas praticas de francez e allemão obrigatorias para os alumnos que frequentarem a cadeira de contabilidade, o ensino pratico de contabilidade commercial, operações financeiras, correspondencia commercial e conversação em linguas estrangeiras fica sendo ministrado no escriptorio do mesmo Instituto e dividido nos seguintes annos: 1.° anno—Exercicios de escripturação relativa a transacções sobre mercadorias e respectiva correspondencia em portuguez. 2.° anno—Exercicios de escripturação relativa a transacções sobre mercadorias e emprezas de navegação, etc., correspondencia e conversação em francez, inglez e allemão. 3.° anno—Exercicios de escripturação relativa a negocios bancarios e companhias de seguros, etc., correspondencia e conversação em francez, inglez e allemão. Repetição da cadeira de finanças. E' verdadeiramente vantajosa esta innovação introduzida no nosso ensino, e tendente a facilitar aos alumnos o uso das linguas estrangeiras.

— O tenente almoxarife, Manuel Vicente Ferreira, foi preso por aggredir, com uma bengala, Amelia Augusta da Costa Teixeira, moradora no Caracol da Graça, resultando-lhe varias contusões pelo corpo. Tambem aggrediu n'essa occasião, Domingos Manuel do Amaral, 1.° sargento ajudante de infanteria n.° 5.

— Andam desaforados os bandos de ciganos que todos os annos por esta época infestam os nossos campos, do Ribatejo sobretudo. A difficiencia, para não dizer auzencia completa, de uma policia rural, faz com que estes bohemios nogentos se não contentem já com a rapinagem e com as insistencias de pedidos e exigencias que fazem o desespero e põem em sobresalto os infelizes lavradores. Agora metteram-se a desordeiros á grande. Ahi vae o ultimo caso: Foi em Almeirim; os ciganos em quantidade numerosa armaram entre si séria desordem, por um motivo qualquer. Excitados pela luta e lembrando-se todos que seria de melhor camaradagem e mais commodo cevar as suas iras nos extranhos do que aggredirem-se mutuamente, trataram de provocar uns carreiros, creados do sr. Andrade que fora sempre um dos seus mais pacientes protectores. A gratidão não encontrou nunca abrigo n'aquelles peitos e por isso a lembrança dos beneficios prestados dura-lhes tanto tempo na mente como no estomago a comida em que esses beneficios se traduzem. Na força da desordem o sr. Andrade que se achava proximo, vendo que estavam sendo aggredidos creados seus, procurou intervir e pelos meios brandos apaziguar os aggressores. Como resposta obteve ameaças e (o que foi peior) tiros de rewolver que felizmente lhe não acertaram. N'este momento chegou um outro creado com um forcado de que o sr. Andrade, que estava desarmado, lançou mão, começando logo a desafrontar-se e a defender-se corajosamente e os seus creados que se achavam bastante feridos.

Então um cigano, que estava montado n'um cavallo, apontou para o sr. Andrade a espigarda, firmando a pontaria. O sangue frio e a valentia suggeriram ao sr. Andrade um expediente feliz que o salvou da morte inevitavel: agarrando fortemente um dos ciganos collocou-o diante de si, á guiza de escudo, com o cuidado sempre de o apresentar á pontaria! Explendido acto de coragem que obrigou uns aggressores a submetterem-se e outros a fugirem, terminando assim a desordem. Posteriormente varios ciganos teem procurado o sr. Andrade ameaçando-o e a um irmão, de um ataque em forma de todas as tribus de ciganos do Alemtejo colligadas se proventura elle promover judicialmente contra os desordeiros presos e os que porventura se prendam ainda. Não treme de ameaça quem tanto valor mostrou em presença da morte imminente e por isso ninguem duvidará que elle cumpra a promessa já feita de perseguir a todo o transe os que por um fio não foram os seus assassinos e constituem a peor peste da lavoura do Ribatejo. Cumpre porém aos poderes publicos secundar esta iniciativa louvavel estudando os meios de pôr termo á praga intoleravel da ciganagem nos nossos campos. Sirva o facto de determinante para qualquer iniciativa n'este sentido.

— Alguns officiaes portuguezes, que se achavam em Paris foram convidados para assistirem ás grandes manobras realisadas pelo 8.° do exército francez no quadrilatero comprehendido entre Nevers, Moulins-Engilbert, Veselay e Clamecy.

Y.

CARTA DE FOZCOA

30 DE SETEMBRO DE 1889.

Em sessão de 19 do corrente, a camara d'este concelho, conformando-se com o parecer da junta escolar nomeou professor para a regencia da cadeira d'ensino complementar, ha pouco creada, com sede n'esta villa, o sr. Luiz Maria de Carvalho, que rege egual cadeira na villa de Taboaço. Procedeu bem a junta escolar no seu parecer e a camara municipal na sua nomeação. Dos tres concorrentes á cadeira o professor nomeado era o que apresentava melhores habilitações. Alem d'isso as informações particulares tomadas a seu respeito, confirmam os creditos que goza de intelligente e sollicito professor. Temos presente um livro intitulado *Noções de moral geral e especial*, de que é auctor, e que alem de bem redigido, satisfaz plenamente aos programmas da moral exigida nos exames de instrucção primaria elementar e complementar, de admissão aos lyceus e das escolas normaes. Divide a moral em quatro partes: moral geral, moral especial individual, moral especial social e moral especial religiosa, desenvolvendo cada especie nos seus differentes objectos, fins e divisões. Luiz Maria de Carvalho está sufficientemente habilitado para ensinar portuguez, francez, latim, latinidade, historia, rhetorica e geometria, e podendo dizer-se que alumno por elle proposto a exame se acha devidamente habilitado e com a certeza de approvação. Estão bem, pois, os chefes de familias, cujos filhos necessitam d'estas habilitações. Não é necessario ir para Lamego ou Guarda afim de fazerem exame, como até aqui. O professor habilita-os até á epoca dos exames e só n'essa occasião se torna indispensavel a ida do alumno para a cidade onde haja de fazer exame. Alem d'esta garantia, outra maior se offerece aos chefes de familia; é a leccionação gratuita de seus filhos nas disciplinas de instrucção primaria complementar, francez e latim. Não podia a camara proporcionar maiores commodidades e evitar maiores despezas aos paes dos alumnos, do que estas e sem se tornar mister o augmento das contribuições municipaes que nunca foram tão baixas.

E' já no principio do proximo mez d'outubro que se franqueia ao publico a cadeira creada. A casa onde vae ser installada encontra-se nas melhores condições hygienicas e pedagogicas, exigidas por lei. Tambem não podia a camara encontrar outra casa em tão boas circumstancias, tal é a do sr. dr. Eduardo. Antes, porém, do sr. Luiz Maria de Carvalho, chegar a esta terra, deverêmos prevenil-o d'uma coisa. Em toda a parte se arranjam inimizades e se criam embaraços com as pessoas com quem convivemos. Em Foscôa, porém, não é necessaria a convivencia para se crearem difficuldades e inimizades. Basta o sr. Luiz Maria de Carvalho ser professor nomeado por camara progressista, basta apresentar-se com ideias progressistas, para ser odiados por esses miseraveis sevandijas chamados regeneradores, entre os quaes avulta um, que, sendo seu chefe no poder e commando, tem insultado todo o mundo, todas as pessoas de probidade d'este districto, inclusivé o proprio pae, padre Bernardo Antonio Tavares, que tentou assassinar. Folheiem-se os jornaes *Districto da Guarda*, *Paiz* e *Jornal de Vizeu* de 1874 até hoje, e n'elle encontraremos o repositorio a sua baba nojenta e asquerosa com que tem pretendido conspurcar a dignidade e honradez dos vultos mais proeminentes da politica tanto progressista como regeneradora n'este districto, e principalmente n'este concelho, não escapando juizes, delegados, escrivães e outros funccionarios publicos que procediam rectamente no cumprimento de seus deveres. Esse homem chama-se Carlos Maria Tavares, por alcunha o Trado, instrumento com que arrombou a recebedoria d'esta comarca, uma das suas heroicas proezas. E' conhecido em toda a parte pelos seus feitos de latrocinio, devassidão e roubo. Entrou-lhe um dia na mente depravada a ideia d'escrevinhar. As suas primeiras producções foram logo filhas do seu caracter deshonesto e infame, cheias de insultos e calumnias. Desde então, nunca mais largou a pena para a esctipta do descredito e da deshonra.

Estudou no Diccionario quatro termos insultantes e offensivos, cheios de ironia e sarcasmo, com que a toda a hora insulta e calumnia os principaes cavalheiros de Fozcôa. Esses termos figuram sempre nas suas correspondencias ôcas e vans, produzindo o somno e a melancolia.

Não sabe escrever sem insultar, porque tambem não aprendeu outra coisa. Nunca disse bem de ninguem, porque além de ser contrario á sua indole, ignora mesmo os termos a empregar para esse fim. Ha tempos, desejando elogiar muitissimo o medico do partido, que elle considera um cavalheiro honradissimo por o presentear com os chouriços, exprimiu-se n'estes termos: F., é um Job!! isto é, um pobre diabo, um desgraçado tanto moral como intellectualmente fallando. O mesmo aconteceu com o escripturario Reino, que alcunhou de *pomba sem fel*, e muitos outros.

Nós poderiamos ter examinado essas correspondencias do *Jornal de Vizeu*, apresentando-as aos leitores com o profundo estendal de monstruosidades grammaticaes e etymologicas que encerram. Poderiamos ter feito uma autopsia a todas essas producções *sui generis*, em que são desprezados os preceitos mais vulgares e geraes da grammatica portugueza. Poderiamos, se quizessemos mostrar ao publico fozcoense quem é o grande professor de latim e francez que desde longas éras tem explorado com bastante felicidade a algibeira dos paes dos examinandos. Mas, para que tudo isso com um homem tão depravado e corrupto, transfuga das galés, filho do crime e da deshonra, para quem o roubo é virtude, a calumnia e a aleivozía uma honra e dignidade?! Para que travar lucta com um homem expulso de todas as redacções, onde só entra a sua escripta e nunca o seu nome indelevelmente maculado com o labéu de milhares de crimes todos constantes do registo criminal da Méda? Nunca, pois, a nossa penna se travará em lucta com o criminoso detestavel e execrando, com o filho perverso e amaldiçoado pelo proprio pae, com o cidadão corrupto e devasso, vergonha da sociedade e da terra que lhe serviu de berço.

Prevenimos o sr. Luiz Maria de Carvalho de que apenas chegar a Fozcôa encontra logo pela frente um inimigo figadal, mas um inimigo que não fere porque insulta, que não estimula porque calumnia. Não entra na vida *publica porque não sabe entrar* e mesmo por lhe ser inteiramente impossivel, attento o bom comportamento do empregado. Só conhece a vida particular do cidadão honesto e honrado para a estampar n'esse papelucho vizeense só lido em Fozcôa. E' só ahi que elle tenta, mas debalde, enterrar as farpas da calumnia e vituperio. As suas correspondencias provocam o vomito e o somno, tal é o seu conteúdo vazio, como a sua imaginação. Desconhece os preceitos mais vulgares da civilidade e boa educação. Insulta por habito e modo de vida, e está tudo dito. Esperamos, pois, que o sr. Luiz Maria de Carvalho, attentas estas nossas considerações, nunca responderá a similhante homem. Resolvemos prevenil-o para evitar qualquer resposta na imprensa. Todo o mundo o conhece já. Quando elle affirma que fulano é um cavalheiro, evidente se torna que é algum saltimbanco sem honra nem dignidade. Do mesmo modo, quando diz que sicrano é ladrão e assassino, devemos considerar-o como um homem de probidade e honradez. Está feito o aviso.

— Foi aqui muito sentida a morte do sr. infante D. Augusto.

— Na Méda outra desgraça acaba de succeder. Um sobrinho matou involuntariamente com um tiro de espingarda, seu thio. Voltava aquelle da caça, trazendo dependurado da espingarda um lenço d'uvas. Na occasião em que o sobrinho se abaixava para dar das uvas ao thio, desparou-se-lhe a espingarda, empregando-se toda a carga no craneo do infeliz thio que falleceu instantaneamente. Procedeu-se á autopsia do cadaver, e o sobrinho entregou-se logo á prisão.

— Foi pouco concorrida a feira de S. Miguel. Effectuaram-se algumas transacções.

Correspondente.

SECÇÃO LITTERARIA

A LENDA DOS RÉIS MAGOS

Os tres reis magos, Balthazar, Melchior e Gaspar, levando grandes vasos de incenso e myrrha, partiram em procura do menino Jesus, mas como não conheciam bem o caminho para Bethlem, perderam-se e, depois de atravessarem uma floresta immensa, chegaram ao cerrar da noite a uma aldeia do paiz de Langres. Sentiam-se cansados e tinham os braços extenuados de carregarem com os vasos que continham os perfumes destinados ao filho de Maria. E de mais a mais, estavam exhaustos pela fome e pela sede.

Bateram á primeira casa da aldeia, pedindo hospitalidade.

A casa, ou antes a cabana, situada ao pé do bosque, pertencia a um rachador chamado Diniz Fleuriot, que ali vivia muito miseravelmente com a mulher e quatro filhos.

Era feita de taipa, coberta de terra e musgo, por onde se filtrava a agua nos dias de muita chuva.

Os tres reis, cheios de cansaço, bateram á porta, e quando o rachador lh'a abriu, pediram que lhes désse ceia e cama.

— Ai! boa gente, respondeu Fleuriot, não tenho senão a minha cama e uma outra muito miseravel que é de meus filhos, e quanto á ceia, não lhes podemos offerecer senão batatas cosidas e pão centeio. Comtudo, entrem, e se não são difficeis de contentar, trataremos de os accommodar o melhor que nos fôr possivel.

Entraram, pois, os tres reis. Deram-lhes as batatas que elles devoraram com immenso appetite, e o rachador e sua mulher cederam-lhe a cama, onde dormiram a somno solto, menos Gaspar, que gostava das suas commodidades e se achava muito apertado entre o gordo Balthazar e o gigante Melchior.

Na manhã seguinte, antes de se pôrem a caminho, Balthazar, que era o mais generoso dos tres, disse a Fleuriot:

— Quero dar-te alguma coisa em agradecimento por esta affectuosa hospitalidade.

— Nós offerecemol-a de boa vontade, e não esperamos nada, boa gente! respondeu o rachador, estendendo sempre a mão.

— Não tenho dinheiro, tornou Balthazar, mas deixo-te uma lembrança, que ainda vale mais.

Metteu a mão na algibeira e tirou uma pequena flauta do Oriente que mostrou a Fleuriot, e emquanto este, um pouco descontente, franzia o nariz, continuou o rei Balthazar:

— Se tiveres algum desejo, toca uma canção n'esta flauta, e ser-te-ha immediatamente satisfeito. Toma-a, mas não abuses, e nunca recuses esmola nem hospitalidade aos pobres.

*

Quando os tres reis desappareceram, Diniz Fleuriot disse a sua mulher, pesando a flauta na mão, desdenhosamente:

— Deixaram-nos de presente uma gaita! Comtudo, vou experimental-a para ver se estiveram caçoando comigo.

E Fleuriot disse solemnemente:

— Desejava ter para o almoço pão alvo, um pastelão de caça e uma boa garrafa de vinho!

Em seguida tocou uma canção do paiz na mysteriosa flauta, e de repente, com grande assombro seu, viu sobre a meza, coberta com uma alvissima toalha, o pão, o vinho e o pastelão que pedia.

Desde que teve a convicção do poder miraculoso da sua flauta, não ficou por ali, como se póde suppôr, e pediu tudo o que lhe veio á cabeça. Tocava desde pela manhã até á noite. Teve bons fatos para a mulher e para os filhos, dinheiro, uma meza abundantemente servida, e como era sufficiente desejar uma coisa para obter immediatamente, tornou-se em pouco tempo um dos homens ricos d'aquella provincia. Então em logar da cabana fez construir um sumptuoso palacio, que encheu de moveis preciosos e de tapeçarias curiosas, e no dia em que a construcção e a mobilia ficaram promptas, deu uma esplendida festa para inaugurar a sua nova habitação.

Reuniu todas as notabilidades do sitio á roda de uma meza, ricamente servida, brilhante de luz e opulenta de magnifica baixella.

N'uma galeria superior estavam installados os musicos, regalando os convivas com peças lindissimas.

Para não ser perturbado durante o festim, ordenou aos creados que não deixassem, sob pretexto algum, entrar no pateo os importunos ou os mendigos, e mandou até para a porta dois latagões armados de paus, e encarregados de affastar todos os garotos e farroupilhas.

D'esta forma, e seguro de não poder ser incommodado, entregou-se á festa de corpo e alma.

*

Ora, n'essa tarde, os tres reis magos, tendo deposto os seus presentes aos pés do menino Jesus, voltavam de Bethlem. Quando atravessavam a floresta, reconheceram a aldeia onde tinham dormido, viram o palacio todo illuminado, e Gaspar disse gracejando a Balthazar:

— Tenho curiosidade de saber se o nosso homem não tem abusado da flauta, e se depois que está rico mantem a promessa de ser caridoso para os pobres.

— Vamos vêr, respondeu laconicamente Balthazar.

Disfarçaram-se em mendigos, substituiram as suas magnificas tunicas por uns trapos miseraveis, e apresentaram-se á porta do palacio pedindo hospitalidade por aquella noite; mas foram muito mal recebidos e como insistissem pela hospitalidade fazendo grande bulha, Fleuriot deitou a cabeça á janella e, vendo que tractava de mendigos, deu ordem para que lhes soltassem os cães, de fórma que os magos tiveram de deitar a fugir, mas não tão depressa que não apanhassem algumas dentadas nas canellas.

— Eu esperava isto! resmungou o sceptico Gaspar, a quem um dos cães tinha mordido no tornozello.

— Está bem, replicou o gigante Belchior, não hade levar a fiauta para o paraizo!... Saberá quanto custa a vingança dos reis magos!...

Entretanto os convivas continuavam a banquetear-se alegremente. Estavam chegados á sobremesa, e Fleuriot de faca em punho prepara-se para cortar em fatias um bolo collossal, quando se ouviram os guizos d'uma sege de posta, que era puxada por quatro cavallos fogosos, cobertos de telizes d'ouro.

Fleuriot de novo metteu o nariz á janella e, vendo que tratava de nobres, provavelmente convidados, ordenou que os fizessem subir sem demora.

Elle proprio os foi receber á escada. Então appareceram os tres reis magos, com pomposo apparato, de corôa na cabeça, vestidos de purpura, recamada de pedrarias.

Fleuriot, que n'elles conheceu os seus antigos hospedes, fez-lhes um excellente acolhimento e, com mil cortezias, lhes pediu para se sentarem á meza.

—Obrigado! disse seccamente Balthazar. Nós não comemos em casa de um homem que recebe tão mal os pobres.

— Faço-lhe os meus cumprimentos pela forma porque sustenta as suas promessas! gritou Melchior com a sua voz de trovão.

— Ah! tu soltas os cães aos mendigos! — accrescentou Gaspar, apalpando a perna... Espera, vou tocar-te uma aria que ainda não conheces!...

E tirando da algibeira uma pequena flauta, egual áquella que tinha dado a Fleuriot, fel-a vibrar horrivelmente. N'um abrir e fechar d'olhos, a meza, os convivas, o palacio, tudo desappareceu e o rachador viu-se só e nú ao pé do bosque em frente da sua cabana em ruinas, com a mulher e os filhos todos rotos.

— Felizmente, resta-me a flauta! pensou elle.

Mas, por mais que remexeu nas algibeiras rotas, não encontrou o talisman, que tambem havia desapparecido com os tres reis magos.

E' desde este tempo que é costume, quando se parte o bolo dos reis, pôr cuidadosamente de lado um quinhão para os pobres.

André Theuriet.

UM APERTO DE MAO

I

Entre as innumeras propriedades que o duque de Manchester possue nas ilhas Britannicas, conta-se uma que guarda dolorosas lembranças da calamitosa epoca, para a religião ao menos, do rei ambicioso e sem coração, defensor primeiro da fé, por seu amor com o romano Pontifice e á sua Egreja, apostata depois, e seu mais acerrimo inimigo, por uma questão de amor proprio, e ao qual a historia conhece com o nome de Henrique VIII.

Situada no meio de magnificos parques e frondosas e copadas alamedas, ergue-se em um pequeno promontorio, altivo e soberbo, sombrio e aterrador, o antigo e interessante castello de Kimboton.

Ali, entre as suas já decrepitas paredes, debaixo dos espessos muros, gemeu largo tempo uma mulher martyr, uma pobre alma, victima da veleidade de um rei que não soube apreciar nunca a sua virtude e formosura, condemnando-a a uma reclusão perpetua quando principiava a sorrir-lhe a vida, quando um risonho porvir a fazia esperar toda a especie de felicidades. Aquella mulher era a rainha Catharina Aragão, a infeliz rival de Anna Bolena, mais formosa e mais digna do que esta de occupar o thalamo nupcial da dama orgulhosa e altaneira, que bem depressa alcançou a paga das suas ambiciosas intrigas contra a desgraçada princeza hespanhola, soffrendo a mesma sorte.

A rainha Catharina, é a gloria e o terror do castello; a gente supersticiosa do paiz, e ainda os proprios moradores, affirmam que o espirito da desventurada senhora, percorre, triste e silenciose, as desertas habitações e os escuros corredores do castello, durante o melancholico crepusculo vespertino, e o mysterioso silencio da noite.

Existe ainda na habitação em que exhalou o ultimo suspiro, a commoda em que guardavam as joias e os vestidos, com o seu monograma na frente.

Na bibliotheca conservam-se infinidade de tradições, qual d'ellas a mais extravagante, porem nenhuma tanto como a que os velhos guardas do castello referem aos curiosos viajantes que, para examinarem as suas ameias, fossos e regios camarins, passam n'elles uma d'essas interminaveis noites de inverno, encerrados dentro d'aquelles grossos muros, ouvindo o sibilar do vento que imita prolongados lamentos.

II

A bella princeza, dizem, recemcasada com Henrique, gosava em socego as ditas do amor conjugal, e era feliz porque a sua magnifica formosura tinha captivado a todos os grandes do reino, e era adorada por seu esposo. Muito antes que a sinistra luz que brilhava nos olhos de Anna Bolena houvesse enlouquecido e atrophiado o espirito de Henrique, Montagu, o estribeiro-mór da princeza, sentiu por esta uma d'essas paixões terriveis, immensas, que só a morte acaba, e que enlouquecem aos que as deixam apossar-se do coração.

Joven, formoso quanto o póde ser um homem, com uma figura sympathica e um talento nada commum, Montagu era sempre o preferido das damas inglezas, que encontravam n'elle a amabilidade e a belleza, e a modestia e a candura, que tinham dado as mãos em seu coração de fogo.

Esta circumstancia foi a que marcou ao joven cavalleiro a linha de conducta que tinha a seguir com respeito a *Catharina*.

Uma simples indiscripção, um olhar, um suspiro, um sorriso, observado como o era sempre pelas damas da rainha, que não apartavam d'elle os olhos, quiçá para fazer-se amar, teria podido custar-lhe a vida.

Não se atrevendo a confiar o amor que o abrazava aos castos ouvidos da rainha, muito creança ainda para o comprehender, guardava os seus affectos ávaramente, permittindo-se só, de vez emquando, a doce recompensa de uma suave, e segundo cria, imperceptivel pressão da mão de Catharina quando esta montava a cavallo na sua egua alaza para dar um passeio, ou se apeava á volta da caça dos falcões.

III

Este terno contacto, tão subtil como a ama, tão secreto como a esperança que ainda não nasceu, inflammava cada vez mais o sangue do enamorado cavalleiro.

Apesar d'isto, aquelle goso apaixonado e poetico, era em demasia puro para que fosse duradouro.

Catharina sentia sempre o fogo abrazador que lhe queimava a mão; ignorava completamente, porque nem ainda em seus olhares lh'o dava a conhecer o cavalleiro, o immenso, o ardente amor que sentia por ella, e não podia perceber o que aquellas pressões, quiçá maiores todos os dias, podiam significar.

Educada em Castella, onde a fria etiqueta da côrte não consentia apertos de mãos entre os dois sexos, nem nenhum d'esses sequitos actos de familiaridade com que então se communicava de um coração a outro o magnetismo do amor, não achava na sua inexperiencia, uma explicação satisfactoria á estranha conducta do seu estribeiro-mór.

Assim é que, com a irreflexão da mocidade, e querendo conhecer o motivo que movia o mancebo ao apertar-lhe a mão, foi perguntal-o a seu esposo.

— Dizei-me, senhor, perguntou, que quer dizer um cavalheiro d'este paiz quando aperta a mão a uma dama?

— Olá! rugiu Henrique VIII: antes de mais nada, haveis de dizer-me se algum cavalleiro vos aperta a mão.

— Sim querido, replicou a innocente rainha: é Montagu, meu estribeiro-mór.

O rei não respondeu a sua esposa, deixando-a na mesma duvida em que estava, porém chamou o seu secretario para communicar-lhe algumas ordens.

IV

Oito dias mais tarde, o enamorado Montagu, demittido do seu emprego na côrte, foi mandado para a guerra.

Ao receber ordem de marchar comprehendeu o motivo d'aquella mudança tão repentina do rei, que até então o tinha distinguido entre os demais servidores, e desesperado, vendo já mortas as suas esperanças, quando as tropas marchavam a atacar as linhas inimigas, pediu para ser dos primeiros a entrar em combate.

Crivado de golpes, conduziram-n'o á sua tenda, onde com o proprio sangue que lhe fugia a vida, escreveu á rainha estas palavras:

«Senhora, morro por vos amar.»

Pouco depois de ter encarregado um amigo de fazer chegar ás mãos de Catharina aquella sangrenta declaração, expirou, pronunciando o neme da mulher que tinha amado.

Alguns annos depois d'este poetico incidente, a rainha foi morrer a Kimboton.

Deposta do throno pela ambiciosa Anna Bolena, guardou todas as suas lagrimas, todo o fel que fizeram brotar do seu coração, que não conhecia, para deixal-as correr no desterro, onde só os seus carcereiros podiam vel-as.

Pura, virtuosa, digna de melhor sorte, a sua desgraça principiou com a do seu infeliz adorador; zeloso o rei desde aquelle dia, transformou o lar tranquillo, onde tudo eram sorrisos, em um inferno, cujo anjo bom, era a infeliz Catharina.

Os actuaes proprietarios do castello, os descendentes de seus inhumanos carcereiros, não se crê que sejam odiosos ao espectro real.

Para elles, a lenda do espirito vagabundo da rainha, é um poetico e interessante adorno da sua residencia.

Trad.

Mario de Lemos.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 26

Sua alteza o infante D. Augusto, falleceu hoje, ás 4 horas e 20 minutos da manhã.

Diario de 27

Portaria determinando que a côrte tome luto por 30 dias, sendo 15 de luto pesado, e contendo o programma para o enterro do infante D. Augusto, que se realisará no dia 1 de outubro.

Portaria mandando exercer rigorosa fiscalisação na circulação e transito dos cereaes na raia.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na área do consulado da Bahia, referida ao mez de abril do corrente anno.

3

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

PREFACIO

POR

JULIO JANIN

MARIA DUPLESSIS

O pariato francez e a nobreza allemã, a Belgica hespanhola, a Flandres e Hollanda, enfeitadas com as suas antigas pedrarias, contemporaneas do rei Luiz XIV e da sua côrte opulenta, todas as fortunas enormes da industria, e muitas das mais elegantes damas parisienses, borboleteando no meio dos sumptuosos jardins artificiaes, concorriam á festa do progresso titanico, em que o ferro e o fogo dominados obedeciam ao tempo vencido.

Estranha confusão luminosissima, em que todas as forças e todas as graças da creação se representavam, desde o cedro á flôr, desde o carvão á amethista.

No meio d'esse movimento de povos, de reis, de principes, de artistas, de industriaes, e de grandes damas, appareceu, ou antes, vi apparecer, mais pallida ainda e mais desmaiada do que habitualmente, a formosa donzella, ferida já do mal, que devia na eflorescencia da mocidade arrastal-a ao tumulo.

Entrava n'esse baile, apesar do seu nome, por causa da sua belleza deslumbrante. Attraía todos os olhares, e cortejavam-na todas as homenagens.

Saudava-a um murmurio lisonjeiro, quando passava; e os proprios homens, que a conheciam, inclinavam-se diante d'ella. E apesar d'isso, calma e concentrada no seu desdem instinctivo, acceitava as homenagens, como se lhe fossem devidas; não se admirava de pizar os tapetes, que a rainha pizara. Mais de um principe a fixava, com um olhar, que as mulheres entendem perfeitamente. Dizia-lhe, ou queria dizer-lhe:—E's formosa, e custa-me deixar-te.

Dava o braço, n'essa noite, a um estrangeiro, a um novo amigo, ruivo como um allemão, impassivel como um inglez, muito bem vestido, muito bem apertado na sua casaca, muito direito e supercilioso, que julgava commetter n'aquelle momento, conforme se deduzia dos seus ademanes sacudidos, uma grande ousadia singular, que todos os homens depois lamentam, até ao dia de renovarem egual atrevimento escandaloso. A attitude d'esse homem era decerto desagradavel á sensitiva que lhe dava o braço; adivinhava-o ella com o sexto sentido da innata delicadeza de espirito, e redobrava de altivez desprezadora, porque o seu maravilhoso instincto lhe dizia que, quanto mais esse homem se espantasse da sua acção caprichosa, tanto mais devia pizar aos pés os escrupulos egoistas d'aquelle namorado imbecil e bordalengo.

Poucos poderiam comprehender o grande soffrimento d'essa mulher sem nome pelo braço de um homem sem nome tambem, e que demais a mais significava o seu constrangimento e desgosto, como indicio sufficiente de uma alma inquieta, d'um coração e de uma vontade indecisa, d'um proposito humilhado e contrafeito.

Mas, esse anglo-allemão foi cruelmente castigado das suas angustias intimas, quando na volta d'um grande macisso de verdura brilhantemente illuminado, a nossa gentil parisiense encontrou um seu verdadeiro amigo, amigo sem pretenções, que lhe pedia de tempos a tempos um aperto de mão, e um sorriso; artista do nosso mundo, pintor e poeta, que sabia melhor do que ninguem, apesar de a ver muito poucas vezes, quanto a formosa dama era modelo perfeito de todas as elegancias e de todas as seducções da mocidade.

— Ah! ainda bem que nos encontramos, disse ella; dê-me o seu braço, e dancemos! E, deixando o braço officioso do seu cavalheiro humilhado, começou a valsar essa valsa a dois tempos, que é a seducção vertiginosa, quando obedece á inspiração de Strauss, e quando vôa ardente de paixão febril das margens do Rheno allemão, sua verdadeira patria.

A gentil senhora dançava maravilhosamente, nem muito agil, nem muito reclinada, obedecendo á cadencia intima tanto como ao compasso da musica, tocando levemente com o pé ligeiro o pavimento elastico, e malleando-se ao movimento rapido da valsa com a elegancia desaffectada e calma da sua natural distincção de formosura e de sentimento.

Fizeram circulo em volta de ambos, e todos queriam aspirar o perfume d'aquelles deliciosos cabellos, que seguiam a ondulação da valsa, e todos desejavam sentir o roçar d'aquelle vestido rendilhado e vaporoso, que exhalava os aromas delicados das margaridas da primavera; de modo que, agglomerando-se os avidos admiradores da formosa dama, e parando os outros pares, que dançavam, para a vêr, o cavalheiro anglo-allemão, que a levara ao baile, perdeu-a no meio d'aquella multidão, e deba de quiz encostar outra vez o braço encantador, a que tinha dado o seu com tanta repugnancia imbecil.

O braço, a dama, e o pintor, nunca mais os viu.

No dia seguinte d'essa festa, a dama foi de Bruxellas a Spá, por uma bella manhã, á hora em que as montanhas cobertas de arvoredos soltam os grandes murmurios da alvorada, hora divina.

Todos os doentes felizes vão a Spá, repousar das festas do inverno passado, e preparar-se para as festas do inverno futuro.

Em Spá não se conhece outra febre que não seja a febre do baile; não ha outra languidez morbida, que não seja a da ausencia e a da saude; não ha outros remedios, que não sejam a conversão, a dança, a musica, as emoções do jogo, e a noite, a noite radiantemente constellada, sonoramente, despertada e alegre pelos echos das montanhas, que lhe enviam na repercussão harmonica as mil notas scintillantes e cristalinas da sua orchestra maravilhosa.

(Continua)

CORREIO DE LISBOA

1 DE OUTUBRO DE 1889.

Não ha novidades politicas.

— Por mais de 48 horas esteve El-Rei sem saber da morte de seu irmão. Receiava-se a dolorosa impressão que havia de causar-lhe a lugubre nova, sobretudo se lhe fosse dada subitamente. Preparam-se todos os disfarces e levaram-se a cabo com bom exito para que o sr. D. Luiz não suspeitasse a verdade. O destacamento de Cascaes não trazia signaes de lucto, a musica tocava como de costume, a bandeira da cidadella não estava a meia haste, na bahia os navios embandeiravam como se não se houvesse dado o funebre successo e aos aposentos de El-Rei não ia ninguem de trajes luctuosos. Entretanto, a Rainha, o principe e o sr. D. Affonso iam preparando o animo de El-Rei para a dolorosa noticia. No sabbado, porém, El-Rei ficou sabendo que seu irmão já tinha fallecido. Dizem alguns collegas que fôra Sua Magestade a Rainha quem lhe dera a noticia. Outros affirmam que fôra o Principe Real. Fosse como fosse, El-Rei recebeu-a com a profunda consternação, que todos receiavam. Toda a familia real procurou solicitamente animal-o com palavras e desvelos de carinho. Na sua magoa enorme de irmão extremoso, El-Rei não esqueceu os humildes e a generosidade da sua alma fulgiu atravez das lagrimas d'aquella hora angustiosa. O sr. D. Luiz ordenou logo que fossem conservados todos os ordenados e vencimentos aos criados da casa de seu desventurado irmão.

— Tem regressado a Lisboa muitos dos homens politicos importantes que estavam por fóra, e antes do dia 10 crê-se que regressarão os restantes. O sr. Marianno de Carvalho chega na sexta-feira proxima.

— Começou hontem a funccionar para o publico a linha ferrea de Cascaes. Não houve solemnidade inaugural. As estações da linha são: Pedrouços, Algés, Dáfundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço d'Arcos, Oeiras, Carcavellos, Parede, Estoril e Cascaes. O primeiro comboyo parte de Pedrouços ás 6 horas da manhã, chegando a Cascaes ás 6,50. Depois ha comboyos de Pedrouços ás 7, 9 e 11 horas da manhã, e 2, 4, 6, 8 e 10 da tarde. De Cascaes para Pedrouços, o primeiro comboyo é ás 7 da manhã, chegando a Pedrouços ás 7,50. Depois ha comboyos ás 9 e 11 da manhã e ás 2, 4, 6, 8, 10 da tarde e 1 da madrugada. Não ha bilhetes de ida e volta.

— O sr. Antonio Ennes, distincto escriptor e bibliothecario, já fez recolher á Torre do Tombo os documentos que em Coimbra encontrou na maior parte relativos aos conventos extinctos.

— Na sexta-feira 4, e no sabbado 5 do corrente, das dez ás quatro horas da tarde, no Banco de Portugal, realisar-se-ha a emissão de 10:000 obrigações de 4 p. c. do valor nominal de 90:000 representativas do credito do banco sobre o Estado, proveniente do contracto para o pagamento das classes inactivas. As obrigações serão nominativas ou ao portador, tendo além da garantia do Banco de Portugal a do Estado, e serão assignadas de chancella pelo ministro da fazenda e director geral da thesouraria do ministerio. Ha já tomadores para todas.

— Os expositores portuguezes a quem foram conferidos premios grandes da Exposição Universal, são os seguintes: Imprensa nacional de Lisboa, Companhia das minas de S. Domingos, Governo portuguez, pelas suas explorações florestaes, Commissão portugueza de substancias alimenticias, Muzeu colonial de Lisboa, Associação commercial do Porto, Collectividade dos expositores da ilha da Madeira e Liga dos proprietarios do Douro pelos seus vinhos; e Direcção geral de agricultura. As medalhas conferidas a expositores portuguezes são demasiado numerosas, para poderem ser telegraphados os nomes dos premiados.

— Lisboa não está limpa de causas insalubres. N'esta parte a policia cumpre mal o seu dever. E senão vejam:

Falleceu aqui, victima de um typho, no praso de 24 horas, o sr. Augusto Pereira da Silva, reverendo prior da freguezia de S. Miguel d'Alfama. Antes de ser apresentado n'esta parochia, o finado tinha sido prior em Salvaterra, onde deixára grandes saudades e muita estima pela maneira como se houve durante todo o tempo que alli parochion, e muito especialmente pelos serviços prestados generosa e caritativamente por occasião das grandes cheias. As suas qualidades pessoaes eram realçadas pelo talento de repentista no pulpito, o que não empanava o brilho de bom prégador cuidado, vernaculo e elevado, como o provam os elogios funebres do conde de Torres Novas e do marquez de Fronteira, que correm impressos.

Consta que na zona em que morava se teem manifestado typhos de caracter grave que se attribuem a uns couros putrefactos que foram enviados da Trafaria, por lá os não poderem soffrer, para os armazens da rua do Jardim do Tabaco. Que a auctoridade não durma sobre tão momentoso assumpto.

— Os ladrões tentaram ha dias por meio de arrombamento, entrar na casa forte do Ministerio da Fazenda, pelo lado do Ministerio da Marinha. O sr. conselheiro Carrilho, director geral da repartição de contabilidade publica, temendo que o assalto se repetisse e com melhor resultado, ordenou que aquella casa fosse chapeada de ferro, obra a que já se está procedendo.

— Está em Lisboa o proprietario do *Times*, incontestavelmente o jornal mais rico da Europa. Está hospedado no hotel Bragança, o primeiro de Lisboa.

— Já regressaram de Paris os operarios dos estabelecimentos do Estado, que o governo alli mandou para verem e gosarem. Voltaram no *Africa*, que os havia levado ao Havre.

— Manuel Gomes Barréga, moço de padeiro, d'esse concelho, foi preso por ser encontrado no largo da Penha de França municiado d'um rewolver carregado com tres tiros e com uma caixa com vinte balas. Na occasião da captura, declarou o Barréga que andava assim armado para matar Manuel de Almeida e uma filha d'este, Maria da Conceição, tambem d'ahi, que em tempo tinha sido sua amante. Ella havia-o abandonado e o pae queria-a casar com outro, sendo essa a razão do seu procedimento. E' forte mas justifica-se quando a paixão e os instinctos são como os de Manuel Barréga.

— Ante-hontem de madrugada houve em Chão de Maçãs um choque entre os comboyos expresso e do correio. Parece que um dos machinistas não fez caso do signal de paragem. Ficou apenas ligeiramente ferido o fiscal do governo, que foi arremessado contra a porta da carruagem.

— A affluencia de passageiros do norte, ante-hontem, ao comboio de operarios, foi tal que teve de se fazer um segundo comboio. Os dois comboios de operarios chegaram a Lisboa com 2:700 passageiros, e mais de 8:000 volumes de bagagem.

— Desde janeiro até 31 de julho do corrente anno, foram realisadas pela guarda fiscal 2:975 apprehensões de tabaco, tecidos e outras mercadorias, no valor approximado de 76:390$000 reis. Durante o mesmo periodo foram apprehendidos 6:842 kilogrammas de tabaco de varias especies. Estas cifras provam que é bem ganho o dinheiro que se dispende com a guarda fiscal.

— Receberam se hontem noticias de Moçambique, as quaes têem a data de 19 d'agosto ultimo. Era satisfatorio o estado sanitario da provincia e dos paizes limitrophes, tendo havido apenas no districto de Tete alguns casos de variola. O governador geral nomeará uma commissão em Inhambane para estudar a delimitação em prazos da região norte d'aquelle districto. O sr. Alfredo Brandão Cró de Castro Ferreira tomou posse do logar de governador de Inhambane em 15 de junho. O sr. Antonio Xavier de Crato tambem tomou posse do logar de governador de Sofala em 17 do mesmo mez. Falleceu em Inhambane o major reformado Manuel de Souza Teixeira.

— Noticias de Lourenço Marques dizem que os trabalhos da linha ferrea estão soffrendo bastante em consequencia da fuga de trabalhadores, que emigram para os campos de ouro do Transwaal, e para os caminhos de ferro do Natal. Vão attrahidos pela prespectiva de grandes lucros e salarios.

— Fizeram-se os seguintes despachos de correios e telegraphos:

José Luiz de Araujo, segundo aspirante da direcção telegrapho-postal de Santarem, suspenso de exercicio e vencimento por oito dias, a contar de 14 do corrente, por haver dirigido pelo telegrapho phrases menos convenientes a um seu superior.

Antonio Augusto Guedes, primeiro aspirante com exercicio na direcção telegrapho-postal de Castello Branco, suspenso do exercicio e vencimento, a contar de 17 do corrente e até ulterior resolução, por faltar ao serviço sem motivo justificado e ser menos respeitoso para com os seus superiores.

Antonio Roque, guarda-fios auxiliar do cantão da Raposa, districto de Santarem, suspenso do exercicio e vencimento, a contar de 16 do corrente e até ulterior resolução, por se ter ausentado do serviço sem auctorisação superior.

José de Moraes Carvalho, exonerado, pelo requerer, do logar de guarda-fios auxiliar do cantão de Alemquer.

Francisco Romeiro Nunes Lebre, guarda-fios supranumerario do districto de Castello Branco, provido no logar de guarda-fios auxiliar do cantão de Alemquer, districto de Lisboa.

Antonio de Freitas Cardoso, exonerado do logar de encarregado gratuito da estação de 5.ª classe em Tourães, concelho de Ceia, por se ter ausentado para fóra do reino.

José Ramos da Fonseca Campos, nomeado para o logar supra.

Antonio José Nunes da Gloria exonerado, como requereu, do logar de encarregado da estação de 5.ª classe em Bensafrim, concelho de Lagos.

Luiz Carlos Pereira de Azambuja, demittido por se recusar a fazer serviço, do logar de ajudante supranumerario da estação telegrapho-postal de Alemquer.

José Joaquim Rosado e Silva, demittido do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Borba, por se recusar a fazer serviço.

Antonio de Mattos, demittido do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Coimbra, por ter abandonado o serviço.

Joaquim Fernandes de Barros, idem, idem.

Antonio Maria Rasteiro, exonerado, como pediu, do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Coimbra.

Joaquim Alexandre, exonerado, como requereu, do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Peniche.

Pedro Ferreira Paralta, exonerado do logar de distribuidor supranumerario do concelho de Santarem, para que havia sido nomeado por portaria de 5 de junho ultimo, por não ter ainda tomado posse do seu logar.

Manuel de Barros, idem, idem.

Joaquim Barata, exonerado, como requereu, do logar de guarda-fios supranumerario do districto de Castello Branco.

Joaquim Venancio, exonerado do logar de guarda-fios supranumerario do districto de Santarem, para que havia sido nomeado por portaria de 1 de abril ultimo, por não ter ainda tomado posse do seu logar.

Joaquim Pinto Junior, aspirante auxiliar do quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos do Porto, e Damingos Guilherme Agrebom, aspirante de egual cathegoria do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na estação da Figueira da Foz, auctorisados a permutar os respectivos quadros e collocações, como requereram.

José Luiz Madeira, distribuidor supranumerario do concelho de Coimbra transferido, pelo requerer, para o concelho de Santa Comba-Dão.

Estevão José de Mello, distribuidor supranumerario do concelho de Braga, provido no logar de terceiro distribuidor do mesmo concelho.

Antonio do Espirito Santo, terceiro distribuidor do concelho de Evora —transferido por conveniencia do serviço para o concelho de Montemór o Novo.

Y.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Sahidas em 27

Hiate *Social*, para a ilha Terceira, com encommendas.

Chalupa *Bella Jardineira*, para o Algarve, com sal.

Hiate *Commercio*, para S. Miguel, com sal.

Hiate *Acaso*, para Villa do Conde, com sal.

Hiate *Affonso*, para o Porto, com sal.

Em 28

Hiate *Auxiliador*, para o Porto, com sal.

Chalupa *Georgina*, para o Porto, com sal.

Escuna norueguеza *Clara*, para Setubal, com sal.

Cahique *Boa Viagem*, para Cezimbra, com sal.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BANCO DE PORTUGAL

Emissão de **10:000 Obrigações** de 4 por cento do valor nominal Réis 90$000, representativas do credito do Banco sobre o Estado, proveniente do Contracto para o pagamento das classes inactivas.

1.ª Serie—Rs. 900:000$000

Estas Obrigações vencem, **desde 1 de Janeiro de 1890**, o juro annual de 4 por cento, pagavel em 2 de Janeiro e 1 de Julho de cada anno, e serão amortisadas ao par, por sorteio annual, em 38 annos, devendo o primeiro sorteio ter logar em Dezembro de 1890, e reservando o Banco a faculdade de antecipar, em qualquer epoca, a amortisação.

As Obrigações serão nominativas ou ao portador e têem além da garantia do **Banco de Portugal** a do **Estado**, e serão assignadas de chancella pelo ministro da fazenda, e director geral da thesouraria do ministerio.

PREÇO DA EMISSÃO

Por cada Obrigação de **Réis 90$000 — Réis 85$000** — pagaveis pela seguinte fórma:

1.ª	prestação no acto da subscripção	5$000
2.ª	» no acto da repartição, em 12 de Outubro de 1889	10$000
3.ª	» em 30 de Novembro de 1889	15$000
4.ª	» em 30 de Dezembro de 1889	15$000
5.ª	» em 30 de Janeiro de 1890	15$000
6.ª	» em 28 de Fevereiro de 1890	15$000
7.ª	» em 30 de Março de 1890	10$000
	Réis	85$000

Aos subscriptores que quizerem liberar as suas Obrigações no acto da repartição, será feito um abatimento de 600 reis em Obrigação, ficando esta por **Reis 84:400**, e aos que quizerem antecipar em qualquer epoca a **totalidade** das prestações a vencer, será abonado o desconto de 3 por cento ao anno.

As prestações que não forem satisfeitas nas epocas acima mencionadas, ficam sujeitas **ao encargo de 5 por cento de juro ao anno, pela móra até 30 de Novembro de 1890**; findo este praso os titulos serão vendidos e liquidados por conta do subscriptor.

Os subscriptores receberão pelo deposito effectuado no acto da subscripção, cautelas, que, feito o rateio serão ratificadas, declarando-se nas mesmas, quantas Obrigações lhes couber, e opportunamente trocadas por titulos provisorios.

Não podem ser passados titulos provisorios **ao portador sem estarem liberados.**

A subscripção realisar-se-ha nos dias 4 e 5 do corrente mez, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde:

EM LISBOA—Na séde do **Banco de Portugal.**

NO PORTO—Na sua **Caixa Filial.**

E em todas as capitaes dos districtos do continente nas agencias provisorias do mesmo Banco.

As subscripções ficam sujeitas a rateio, mas **garantidas** as que não excederem **3 Obrigações.**

Desde já se recebem subscripções por correspondencia, sendo acompanhadas da importancia de 5$000 reis por Obrigação.

Lisboa 1 de Outubro de 1889.

Pelo Banco de Portugal,
O Governador
Antonio Augusto Pereira de Miranda.

FERRO QUEVENNE

Unico APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS, DORES de ESTOMAGO, etc.** — Vende-se: 1.º em Pó; 2.º em Grageas.

EM. GENEVOIX, 14, Rue des Beaux-Arts, PARIS. — *Desconfie-se das imitações impuras.*

Exijir o Sello da **"UNION des FABRICANTS."**

COMPANHIA GERAL
DE
CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

Esta Companhia recorda aos srs. mutuarios em divida de prestações já vencidas, que no 1.º de outubro proximo se vence mais uma prestação dos seus emprestimos e por isso os avisa para virem satisfazer os seus debitos dentro do prazo de 30 dias, a contar d'esta data.

Os srs. mutuarios das provincias poderão fazer os seus pagamentos por letras ou vales do correio, e, quando assim lhes convenha, nas agencias da Companhia, aonde as haja, avisando previamente, mediante o premio de transferencia de 1/2 °/₀ sobre as importancias a pagar.

Aos srs. mutuarios, que quizerem antecipar o pagamento das prestações dos seus emprestimos, relativos ao semestre corrente ou aos futuros, será abonado o juro de 4 °/₀ ao anno, em relação aos dias que mediarem entre a data do pagamento e o dia do vencimento das prestações que forem pagas.

Lisboa, 12 de setembro de 1889.

O vice-governador,
Lourenço Antonio de Carvalho.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

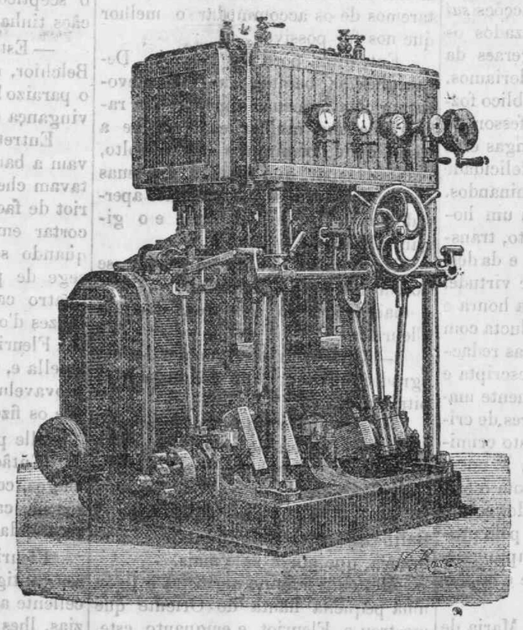
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUCÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, *de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.*

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

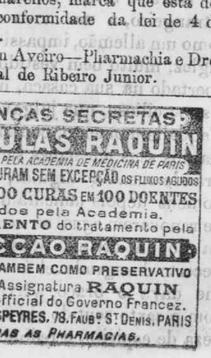
A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—*Rua dos Inglezes.*

VENDA DE CASAS

VENDE-SE a casa da rua da Palmeira, que faz esquina com a rua de S. Gonçalinho. E' de dois andares, um dos quaes ao rez do chão. Não paga fôro de especie alguma. Trata-se com Luiz Barbosa, seu proprietario e n'ella morador.



CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeninos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER
DA
COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das ex racções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

Em outubro, nos dias 4, 14 e 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 20; 130, 45 e 30 rs.

Listas enviadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

NO MEZ DE OUTUBRO

Em 10, com o premio maior do

90:000$000

Bilhetes a 5$000, decimos a 5$300, cautelas de 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 24$000, 12$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600 reis.

Em 19, com o premio de

25.200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis. —Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
Lisboa

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

OS EXPLENDORES DA FE

Accordo perfeito da revelação e da sciencia, da fé e da razão, pelo revd.mo Moigno, conego de S. Dionizio.—Versão portugueza do padre Francisco Manuel Vaz.

Antonio Dourado—Editor
PORTO

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO